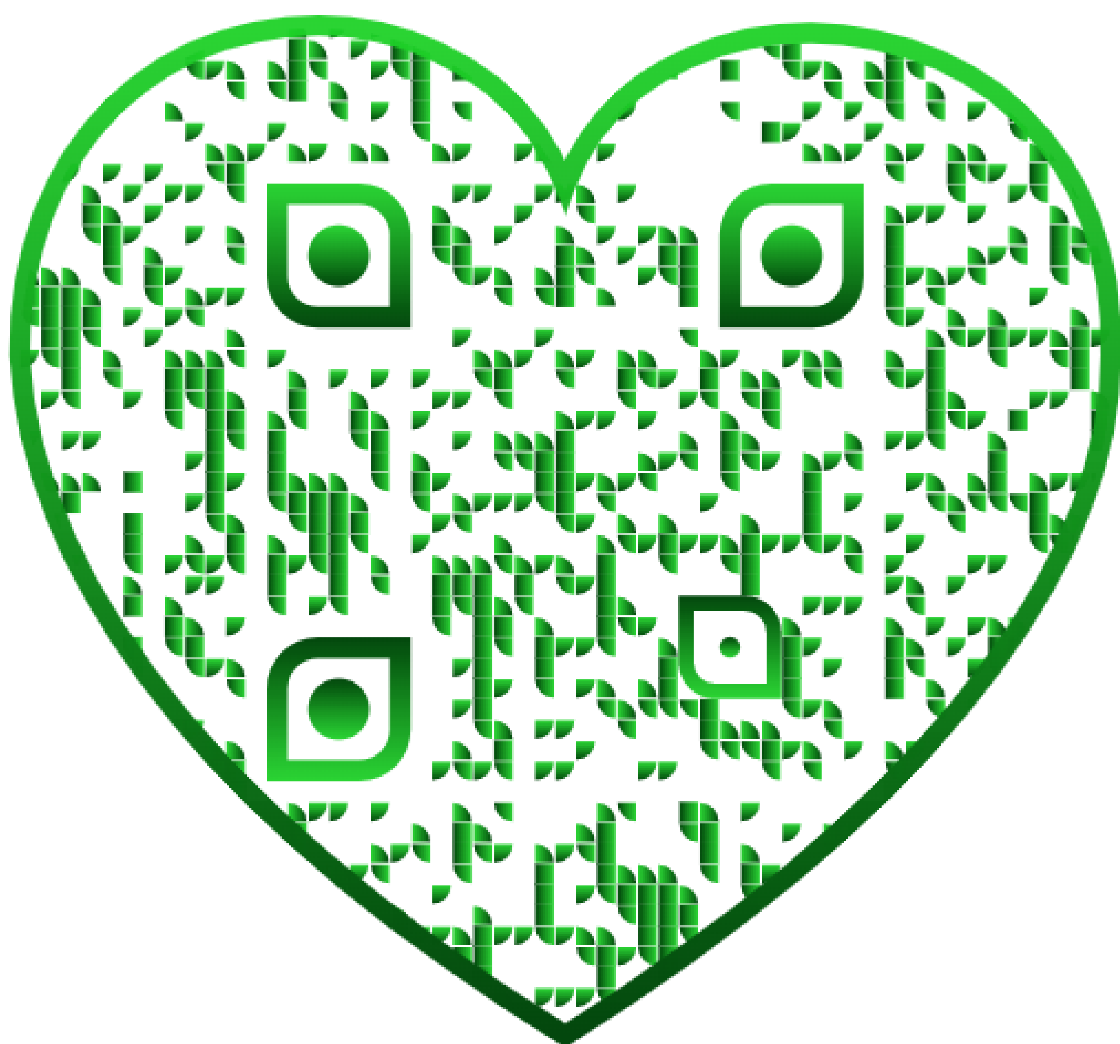
Viagem ao Oriente

Hermann Hesse

Título original:
Die Morgenlandfahrt

Tradução:
Leda Maria Gonçalves Maia



1

LANÇO-ME à tentativa de relatar uma extraordinária aventura da qual participei como membro da Confraria, uma viagem fantástica cujo encanto luziu com a rapidez de um meteoro, caindo depois no esquecimento e até mesmo na descrença. Tal aventura jamais fora tentada desde os tempos de Hugo e do louco Roland até nossos dias, ou seja, o período tão agitado e confuso, embora frutífero, que se seguiu à Grande Guerra.

Não me permiti ilusões quanto às dificuldades que esta tentativa acarretaria. Não apenas pelo aspecto subjetivo, embora este já fosse suficiente para fazer-me desanimar. Ocorre que não mais me acompanham as lembranças, documentos e diários relativos à jornada, ao mesmo tempo que, nos difíceis anos de doença, infortúnios e profunda aflição compreendidos nesse intervalo, desvaneceram-se inúmeras recordações. Minha memória e a confiança em lembranças antes tão nítidas debilitaram-se como resultado dos golpes do destino e de um contínuo desalento. Contudo, mesmo esquecendo os aspectos estritamente pessoais, existe um obstáculo: o juramento que prestei como membro da Confraria. Embora não me seja proibido narrar minhas experiências pessoais, a Confraria não admite revelações sobre si própria. E apesar de não existirem provas concretas de sua existência, e eu jamais ter voltado a avistar-me com qualquer de seus membros, nenhuma ameaça ou armadilha far-me-iam quebrar o juramento. Se um dia defrontar-me com uma corte marcial e me for dado o direito de optar pela morte ou revelação do segredo da Confraria, selaria sem vacilar meu juramento com a morte.

Desde o diário de viagem do Conde Keyserling, surgiram diversos livros cujos autores, em parte inconsciente, porém um tanto deliberadamente, deram a impressão de fazerem parte da Confraria e haverem participado da Viagem ao Oriente. Até mesmo as narrativas da aventura de Ossendowski caem sob minhas justificadas suspeitas. Contudo, têm tanta relação com a Confraria e nossa Viagem quanto os ministros de uma insignificante seita fanática o têm com o Salvador, os Apóstolos e o Espírito Santo, a quem se referem por especial deferência e participação. Mesmo que o Conde Keyserling houvesse realmente dado a

volta ao mundo sem dificuldades, e que Ossendowski tivesse de fato percorrido os países que descreveu, suas jornadas não teriam sido fantásticas nem teriam descoberto novos territórios, ao passo que, em determinadas etapas de nossa Viagem ao Oriente, apesar de não lançarmos mão dos corriqueiros recursos à disposição do viajante, como estradas de ferro, navios a vapor, telégrafo, automóveis, aviões, etc., penetramos no terreno da grandiosidade e da magia.

Logo após a Grande Guerra, as nações conquistadas encontravam-se num singular estado de irrealidade. Observava-se uma tendência a acreditar no fantástico, embora muito poucas barreiras houvessem sido ultrapassadas, e fossem poucos os progressos alcançados no domínio da psiquiatria. Nossa viagem, nessa mesma época, através do Oceano da

Lua em direção a Famagusta, sob a orientação de Alberto, o Grande, ou melhor, a descoberta da Ilha da Borboleta, doze léguas além de Zipangu, ou ainda a edificante cerimônia da Confraria junto ao túmulo de Rudiger — todos estes fatos constituíram-se em feitos e experiências permitidos uma única vez a quem viveu em nosso tempo e região.

Sinto aproximar-me cada vez mais de um dos maiores obstáculos que encerra minha narrativa. O ponto atingido pêlos nossos feitos, o plano espiritual da experiência a que se relacionam, deveriam tornar-se gradativamente mais claros ao leitor, se fosse possível esclarecer a essência do segredo da Confraria. No entanto, tudo ou quase tudo lhe parecerá inacreditável ou incompreensível. É preciso aceitar o próprio paradoxo de que devemos sempre tentar o aparentemente impossível. Concordo com Sidarta, nosso sábio amigo do Oriente, quando certa vez disse: “As palavras não conseguem expressar os pensamentos com precisão; de imediato as coisas se tornam diferentes, distorcidas, tolas. E mesmo assim agradam-me, e julgo que seja certo, que aquilo que para um homem parece válido e sábio, para outro caracteriza o absurdo”. Os membros e historiadores de nossa Confraria, séculos atrás, reconheceram e enfrentaram com bravura essa dificuldade. Um dos mais ilustres expressou-a em uma estrofe imortal:

“Quem empreender longínquas jornadas verá muitas coisas
Distantes daquilo que considera a Verdade.
E ao relatá-las, chegando a casa,
Será muitas vezes desacreditado.
Pois os empedernidos não acreditarão
Naquilo que não vêem ou sentem distintamente.

A inexperiência, creio,
Pouco crédito dará a meus versos."

Esta "inexperiência" fez com que nossa jornada, que em sua época levou milhares de pessoas a um estado de êxtase, fosse não só esquecida pelo público como também estabeleceu um verdadeiro tabu quanto à sua lembrança. A história é rica em exemplos semelhantes. Toda a história universal parece-me resumir-se em um livro de ilustrações que retrata o desejo mais ardente e absurdo da humanidade — o desejo de esquecer. Não vemos que cada geração, através, de repressões, disfarces e ridículos, destrói tudo aquilo que a anterior julgava mais importante? Nós mesmos não vimos uma longa, terrível e monstruosa guerra ser esquecida, desfigurada e repudiada por todas as nações? E agora, após um breve intervalo, não vemos as mesmas nações tentando rememorar, por meio de emocionantes romances sobre o tema, o que -elas próprias provocaram e toleraram alguns anos atrás? Assim, do mesmo modo chegará o dia da redescoberta dos feitos e tribulações de nossa Confraria, que ainda permanecem esquecidos ou constituem motivo de troça em todo o mundo e, então, minhas palavras representarão uma pequena ajuda nesse sentido.

Nossa jornada ao Oriente caracterizou-se pelo fato de que, embora a Confraria tivesse objetivos definidos e elevados durante sua realização (não me é possível revelá-los, pois constituem assunto secreto), cada membro podia ter seus próprios objetivos pessoais. Aliás, quem não os tivesse seria excluído do grupo. Embora cada um de nós aparentasse partilhar os mesmos ideais e objetivos comuns, conservava no fundo do coração seu mais precioso sonho de infância, como fonte de coragem e consolo. O meu propósito ao empreender a jornada, sobre o qual interrogou-me o Presidente antes de minha admissão, era bastante simples, mas diversos membros da Confraria estabeleceram desígnios que, embora eu os respeitasse, não podia compreender totalmente. Um deles, por exemplo, buscava um tesouro, e seu único pensamento resumia-se em apossar-se do enorme tesouro por ele denominado "Tao". Um outro desejava capturar uma serpente chamada Kundalini, à qual atribuía poderes mágicos. Quanto a mim, sempre desejara avistar-me com a bela Princesa Fátima e, se possível, conquistar seu amor.

Ao incorporar-me à Confraria — ou seja, imediatamente após a Grande Guerra — nosso país achava-se coalhado de salvadores, profetas e discípulos; de pressentimentos sobre o fim do mundo, ou de esperanças na ascensão de um Terceiro Império. Abalado pela guerra, desesperado com as privações e a fome, desiludido com a evidente inutilidade de

todos os sacrifícios de vidas humanas e propriedades, nosso povo se expunha a toda sorte de fantasias, mas houve, ao lado disso, um grande avanço espiritual. Criavam-se sociedades orgíacas dançantes e grupos anabatistas, as coisas ocorriam como se visassem um ponto fantástico e guiado pelo ocultismo. Verificou-se também, naquela época, uma tendência geral rumo aos mistérios e religiões da índia, da antiga Pérsia e de outros países orientais, o que fez com que muitos julgassem que nossa Confraria fosse mais um dentre tantos cultos recém-fundados, e que após alguns anos estaria quase esquecido, desprezado e desacreditado. O mais fiel de seus discípulos não o pode negar.

Ainda guardo uma nítida lembrança do dia em que me apresentei, após expirar-se meu ano de noviciado, perante o Alto Trono. Foi-me então revelado o objetivo da jornada ao Oriente, e após ter-me devotado de corpo e alma a esse projeto, foi-me indagado, de maneira afável, o que eu intimamente esperava dessa viagem ao reino da mística. Levemente ruborizado, com toda franqueza e decisão confessei aos membros reunidos que abrigava em meu coração o desejo de ver a Princesa Fátima. O Presidente compreendeu minha alusão e gentilmente colocou sua mão sobre minha cabeça, recitando as palavras que confirmavam minha admissão como membro da Confraria. — *Anima pia* — disse ele, exortando-me para que persistisse na fé, na coragem frente ao perigo, e que amasse meus semelhantes. Preparado após meu período de noviciado, prestei juramento, renunciei ao mundo e suas superstições, e recebi em meu dedo o anel da Confraria, ao mesmo tempo em que eram pronunciadas as palavras sobre um dos mais belos capítulos da história de nossa Confraria:

"Na terra ou no firmamento, na água ou no fogo,
Os espíritos o adoram,
Seu olhar atemoriza e amansa as feras mais selvagens,
E até os anticristãos devem dele se aproximar com temor..."

Para minha alegria, logo após a admissão, os noviços, entre eles, eu, passaram a conhecer nossas perspectivas. Por exemplo, ao seguirmos a orientação dos superiores a fim de nos unirmos a um dos grupos de dez pessoas que viajavam pelo país para alcançar a expedição, fiquei conhecendo claramente um dos segredos da Confraria. Dei-me conta de que fazia parte de uma peregrinação ao Oriente, aparentemente uma peregrinação definida e particular — mas, na realidade, em seu sentido mais amplo, não era apenas minha nem do momento presente; aquela

procissão de crentes e discípulos sempre rumara para o Oriente, incessantemente, na direção da Casa da Luz. Processara-se através dos séculos, em busca da luz e do milagre, e cada membro, cada grupo, em suma toda nossa hoste e sua grande peregrinação, era apenas uma onda na eterna maré de seres humanos, das eternas batalhas do espírito do homem em direção ao Oriente, em direção a Casa, Essa percepção atravessou minha mente como um raio de luz, recordando-me de imediato uma frase que aprendera no ano de noviciado, a qual sempre me causara imenso prazer sem que percebesse todo o seu conteúdo. Era do poeta Novalis, e dizia: "Para onde caminhamos sempre? Para casa!"

Nesse ínterim, nosso grupo partira em viagem; não se passara muito tempo quando encontramos outros grupos, e sentíamo-nos felizes, ligados pelo sentimento de unidade e objetivo comum. Obedientes às instruções recebidas, vivíamos como peregrinos e não fazíamos uso dos expedientes que surgem em um mundo iludido pelo dinheiro, tempo e cifras, que tiram todo o sentido da vida; artifícios mecânicos como estradas de ferro, relógios e coisas semelhantes, que são os principais dessa categoria. Outra regra por todos observada levou-nos a visitar e prestar homenagem a todos os lugares e associações relacionadas à antiga história de nossa Confraria e sua crença. Visitamos e prestamos culto a todos os locais sagrados e monumentos, igrejas e túmulos consagrados que encontrávamos no caminho; adornamos capelas e altares com flores; as ruínas eram cultuadas com canções ou contemplações silenciosas; os mortos eram lembrados com música e orações. Não era raro sermos alvo de zombaria ou vermo-nos abordados por descrentes, porém, muitas vezes ocorreu que os padres nos abençoassem e convidassem para sermos seus hóspedes, que muitas vezes as crianças a nós se juntassem com entusiasmo, aprendendo nossas canções, e se despedissem com lágrimas nos olhos; que visitássemos monumentos esquecidos, guiados por um ancião, e que o mesmo nos contasse uma lenda sobre sua terra natal; que jovens nos acompanhassem durante parte do caminho e expressassem o desejo de unir-se à Confraria. A estes dávamos conselhos e ensinávamos os ritos e práticas iniciais do noviciado.

Percebemos os primeiros indícios de milagres, em parte assistindo-os com os próprios olhos, em parte graças a lendas e narrativas imprevistas. Certo dia, quando ainda era um membro relativamente novo, alguém mencionou que o gigante Agramant era hóspede da tenda de nossos guias, e tentava convencê-los a partir para a África a fim de libertar alguns membros da Confraria do cativeiro dos mouros. Numa outra ocasião, avistamos o Goblin, o consolador fabricante de vasos, e julgamos nosso dever rumar em direção ao Pote Azul. No entanto, o primeiro fenômeno espantoso que vi foi quando nos detivemos para orar

e repousar numa capela antiga, quase em ruínas, na região de *Spaichendorf*; sobre a única parede intacta da capela, fora pintada uma enorme imagem de São Cristóvão, tendo sobre os ombros franzinos e meio encurvados pela idade, o Menino Jesus. Os guias, como era de seu costume, não se limitaram a propor a direção que tomaríamos, convidando-nos a dar nossa opinião, pois a capela localizava-se ao lado de um poste indicador com três rumos diferentes. Somente alguns opinaram ou expressaram um desejo, porém um de nós apontou para a esquerda e sugeriu com insistência que tomássemos essa direção. Permanecemos em silêncio, aguardando a decisão dos superiores, quando São Cristóvão ergueu os braços, segurando o espesso e alongado mastro, apontando para a esquerda, direção que nosso irmão desejara tomar. Nenhum de nós se manifestou, e os guias, em silêncio, voltaram-se para o caminho indicado, que seguimos com um prazer infinito.

Não fazia muito que estávamos na Suábia quando manifestou-se uma força que não havíamos ainda percebido. Sentíramos sua forte influência durante algum tempo, sem conseguirmos distinguir se era favorável ou hostil. Era a força dos guardas da coroa que, desde os tempos mais remotos, preservavam a lembrança e a herança dos Hohenstaufen naquele país. Não sei se nossos líderes sabiam alguma coisa mais sobre isso, ou se receberam instruções a esse respeito. Só sei dizer que recebemos muitas exortações e conselhos, como na ocasião em que estávamos na montanha a caminho de Bopfingen, onde encontramos um velho guerreiro encanecido: meneou sua cabeça grisalha, com os olhos cerrados, e desapareceu sem deixar vestígios. O aviso impressionou nossos líderes a tal ponto que retornamos, ao invés de seguir para Bopfingen. Por outro lado, nas vizinhanças de Urach, um emissário dos guardas da coroa surgiu na tenda dos guias como se tivesse brotado do solo, com promessas e ameaças destinadas a colocar nossa expedição a serviço dos Staufen, e também para fazer os preparativos para a conquista da Sicília. Com a recusa a esses pedidos, ele prometeu lançar uma terrível maldição sobre a Confraria e sua expedição. É preciso frisar que estou relatando o que transpirou entre nós; os guias não mencionaram uma palavra sequer sobre o assunto. E ainda assim me parece possível que tenha sido nosso convívio problemático com os guardas da coroa que, durante muito tempo, emprestou à Confraria a imerecida reputação de uma sociedade secreta, visando a restauração da monarquia.

Em determinada ocasião, vi também um de meus companheiros enfrentar suas dúvidas; quebrou o juramento e voltou à antiga descrença. Tratava-se de um jovem a quem dedicava grande afeição. O motivo pessoal que o fez unir-se à expedição ao Oriente fora o desejo de

encontrar o esquife do profeta Maomé, pois, ao que se dizia, este eleva-se ao ar por pura magia. Em uma cidadezinha da Suábia ou Alemanha, onde nos detivemos por alguns dias, já que uma oposição de Saturno com a Lua interrompeu nosso avanço, aquele infeliz homem, que se mostrara triste e inquieto durante algum tempo, encontrou um antigo professor a quem se mantivera ligado desde os tempos de escola. O professor fez com que o jovem voltasse a compreender nossa causa à maneira dos descrentes. Após uma de suas visitas ao mestre, o pobre rapaz retornou ao acampamento num terrível estado de excitação, com as feições transtornadas. Provocou um distúrbio à porta da tenda dos guias, e, ao sair o Chefe do grupo para ver do que se tratava, gritou em altos brados que já estava farto daquela ridícula expedição que jamais nos levaria ao Oriente; que não suportava mais nossas interrupções durante dias, devido a tolas considerações astrológicas; já se cansara da inutilidade, das peregrinações pueris, das cerimônias florais, da importância que dávamos à magia, da combinação de vida e poesia; atirou o anel aos pés dos guias, dizendo que retornaria a sua casa pelo seguro caminho da estrada de ferro, e voltaria ao seu trabalho útil. Foi uma cena lamentável e chocante. Sentimos vergonha e ao mesmo tempo pena daquele homem desencaminhado. O Chefe escutou-o com complacência, inclinou-se para recolher o anel, dizendo com voz tranqüila e cordial, que deve ter feito o protestante parecer ridículo: — Você despediu-se de nós e deseja retornar à estrada de ferro, à sensatez e ao trabalho útil. Desligou-se da Confraria, da expedição ao Oriente, da magia, dos jogos florais, da poesia. Você está dispensado de seu juramento.

— Do voto de silêncio também? — bradou o desertor.

— Sim, também do voto de silêncio — respondeu o Chefe. — Lembre-se que você jurou nada revelar sobre o segredo da Confraria aos descrentes. Como demonstrou tê-lo esquecido, não poderá revelá-lo a ninguém.

— Esquecer? Não me esqueci de nada! — retrucou o jovem, demonstrando uma certa insegurança; e quando o Chefe voltou-lhe as costas, retirando-se em direção à tenda, ele fugiu às carreiras.

O fato nos entristeceu, mas tínhamos dias tão cheios que logo o esqueci. Algum tempo depois, contudo, quando nenhum de nós pensava mais no caso, ouvimos os habitantes de diversas aldeias e cidades pelas quais passamos mencionar o mesmo jovem. Diziam que por lá passara um rapaz (descreveram-no minuciosamente e deram seu nome), que nos procurara por toda parte. A princípio, dizia-se pertencente ao nosso grupo, e se perdera ao ficar para trás durante a viagem. Rompera então a chorar, confessando que nos havia traído e fugira, mas sentia não poder viver afastado da Confraria; desejava, ou melhor, precisava encontrar-

nos, para se ajoelhar perante os guias e implorar seu perdão. Ouvimos a mesma história em toda parte; onde quer que estivéssemos, o jovem desgarrado por lá passara. Indagamos a opinião do Chefe a respeito do fato, e quais seriam as conseqüências. — Não creio que ele nos encontre — disse laconicamente. E foi o que realmente aconteceu. Jamais voltamos a vê-lo.

Certa vez, numa conversa confidencial que travei com um dos guias, criei coragem e perguntei pelo irmão renegado. Afinal, pedira clemência e procurava por nós, argumentei; creio que deveríamos ajudá-lo a redimir-se de sua falta. Sem dúvida, tornar-se-ia o mais fiel membro da Confraria no futuro. O guia respondeu-me:

— Nós nos sentiríamos felizes se ele conseguisse nos encontrar, mas não nos cabe ajudá-lo. Ele próprio tornou difícil a recuperação de sua fé. Receio que nem mesmo nos veria ou reconheceria, se passássemos a seu lado; ele está cego. O arrependimento não basta por si só. A graça não pode ser alcançada por esse meio; ela não pode ser comprada. Isto já ocorreu com muitos outros. Homens ilustres e famosos tiveram o mesmo destino desse jovem. Em um momento de sua juventude, foram iluminados. Seguiram o sinal, mas surgiu então a zombaria alheia e a razão, dando lugar à fraqueza de espírito e ao fracasso aparente. Sentiram-se desiludidos e deprimidos, e voltaram a perder o rumo, a visão. Alguns passaram o resto da vida a nos procurar, porém sem êxito. Propalaram então pelo mundo que nossa Confraria não passa de uma bela lenda, e que ninguém deveria deixar-se enganar por ela. Outros transformaram-se em nossos inimigos implacáveis, prejudicando e injuriando a Confraria tanto quanto podiam.

Organizávamos festas maravilhosas sempre que encontrávamos outros grupos da Confraria pelo caminho; costumávamos, então, muitas vezes, formar um acampamento de centenas e até milhares de pessoas. A expedição não obedecia a um esquema estabelecido, rumavam todos na mesma direção em colunas mais ou menos cerradas. Por outro lado, havia numerosos grupos que seguiam seus próprios guias e astros, sempre prontos a incorporar-se a uma unidade mais compacta e acompanhá-la durante algum tempo, embora preparados para prosseguir seu caminho novamente separados. Alguns viajavam totalmente sós. Eu o fiz, também, em diversas ocasiões, sempre que recebia algum sinal ou chamada que me apontassem meu próprio caminho.

Lembro-me de um pequeno grupo selecionado com o qual viajamos e acampamos por alguns dias; seu objetivo era libertar alguns irmãos da Confraria, que estavam presos, juntamente com a Princesa Isabela, sob o jugo dos mouros. Diziam-se de posse da cornucópia de Hugo, e entre eles encontravam-se meus amigos o poeta Lauscher, e os

artistas Klingsor e Paul Klee. Não se falava de outra coisa a não ser da África e da captura da Princesa. Sua Bíblia era o livro que narrava as aventuras de Don Quixote, a quem dedicavam sua jornada rumo à Espanha.

Era extremamente agradável encontrarmos esses grupos, assistir a suas celebrações e práticas religiosas, e também convidá-los para as nossas, escutar a narrativa de seus feitos e planos futuros, abençoá-los e, ao partir, tê-los como amigos; depois, cada um seguia seu próprio caminho. Eles alimentavam seus sonhos, ideais, um desejo secreto, e ainda assim uniam-se naquele enorme fluxo, cada um dando tudo de si, partilhando o mesmo culto e a mesma fé, prestando o mesmo juramento. Numa dessas ocasiões conheci Jup, o mágico, cuja esperança era encontrar a felicidade suprema em Caxemira; conheci também Colofino, o bruxo, que costumava citar seu trecho favorito das Aventuras de Simplicissimus. Encontrei ainda Luís, o Terrível, que acalentava o sonho de plantar um bosque de oliveiras na Terra Santa, cercado de escravos. Este era companheiro inseparável de Anselmo, que buscava a íris violeta de sua infância. Encontrei e amei Ninon, conhecida como "a estrangeira". Seus olhos negros luziam sob os cabelos escuros. Tinha ciúmes de Fátima, a princesa de meus sonhos, e quem sabe não era ela a própria Fátima, sem que eu o soubesse. Entregávamo-nos a essa jornada como o haviam feito anteriormente os peregrinos, imperadores e cruzados, para descerrar o sepulcro do Salvador ou estudar a magia árabe; os cavaleiros da Espanha haviam trilhado aquele mesmo caminho, bem como os eruditos alemães, monges irlandeses e poetas franceses.

Era eu, cuja única vocação consistia em tocar violino e escrever, o responsável pelas sessões de música de nosso grupo, e percebi então como é edificante e fortificadora a dedicação prolongada aos pequenos detalhes. Não só tocava violino e regia nosso coral, como também selecionava antigas canções e cantos corais. Compunha motetes e madrigais para seis e oito vozes, e os executava. Mas não entrarei em detalhes quanto a isso.

Dedicava grande estima a meus companheiros e guias; contudo, nenhum deles me ficou na lembrança como Leo, apesar de, àquela época, ninguém quase o haver notado. Leo era um de nossos empregados (naturalmente, voluntário como nós). Ajudava a carregar as bagagens e muitas vezes ficava a serviço pessoal do Chefe de Grupo. Este homem simples tinha algo de tão agradável e discretamente atraente, que atraíra a estima geral. Cumpria suas obrigações com alegria contagiante, quase sempre cantando ou assobiando, e jamais era visto, exceto quando dele precisávamos — em suma, o servidor ideal. Além do mais, exercia enorme atração sobre os animais. Quase sempre fazíamo-nos acompanhar

de um cão, que a nós se incorporava por causa de Leo. Era capaz de domesticar pássaros e atrair borboletas sobre seu corpo. Seu objetivo era encontrar a chave de Salomão, com a qual seria capaz de compreender a linguagem dos pássaros e que o conduzira ao Oriente. Em contraste com determinados aspectos de nossa Confraria, que — sem desmerecer-lhe o valor e a sinceridade — eram um tanto exagerados, bizarros, pomposos e fantásticos, Leo parecia tão simples e natural, tão saudável, enfim, um amigo inteiramente desinteressado.

A gritante disparidade de minhas lembranças pessoais torna minha narrativa extremamente difícil. Como já mencionei, às vezes caminhávamos em pequenos grupos; outras, formávamos uma tropa e até um exército, mas em certas ocasiões eu permanecia em determinadas localidades em companhia de uns poucos amigos, e até mesmo sozinho, sem tenda, sem guias, sem o Chefe do Grupo. Minha narrativa torna-se cada vez mais penosa, porque não vagávamos somente através do espaço, mas também do tempo. Nosso destino era o Oriente, mas também viajávamos para a Idade Média e para a Idade do Ouro; percorríamos a Itália ou a Suíça, mas muitas vezes passávamos a noite no século X, em companhia dos patriarcas ou duendes. Nas ocasiões em que permaneci só, revi lugares e personagens de meu próprio passado. Vagava com minha antiga noiva pelas margens da floresta do Reno Superior, farreava com meus companheiros de juventude em Tubingen, em Basle ou Florença, ou então saía a caçar borboletas, a observar as lontras em companhia dos colegas de escola, ou vagava com meus personagens preferidos dos livros que lera: Almansor e Parsifal, Witiko e Goldmund caminhavam a meu lado, ou então era Sancho Pança, ou éramos convidados das Barmekides. Quando retomava o caminho que me conduziria ao nosso agrupamento, em um vale qualquer, e ouvia as canções da Confraria, acampando próximo à tenda dos guias, percebia com clareza que a incursão em minha infância e os passeios com Sancho pertenciam inteiramente à jornada. Pois nosso objetivo não era unicamente o Oriente, ou melhor, o Oriente não era apenas um país ou um fato geográfico, era também o lar e a juventude da alma, estava em toda parte e em parte nenhuma, era o conjunto de todas as eras. Contudo, sentia-me assim por breves instantes, daí o motivo de minha enorme felicidade então. Mas tarde, quando a perdi, compreendi claramente tais ligações, sem delas tirar o menor proveito ou satisfação. Quando perdemos algo precioso e irrecuperável, temos a sensação de haver despertado de um sonho. E isto se deu, em meu caso, de maneira estranhamente precisa, pois, na verdade, minha felicidade nasceu do mesmo segredo da felicidade dos sonhos; nasceu da liberdade de experimentar simultaneamente tudo que imaginava, viver no mundo interior e exterior, manipular Tempo e Espaço como os cenários de uma

peça teatral. À medida que nós, membros da Confraria, percorríamos o mundo sem automóveis e navios, conquistando os países arrasados pela guerra com a nossa fé, transformando-os em paraíso, transportávamos o passado, o futuro e o irreal para o momento presente.

Encontrávamos com freqüência, na Suábia, em Bodensee, na Suíça, por toda parte, pessoas que nos compreendiam ou que, de certo modo, sentiam-se gratas pela existência da Confraria, de nós e de nossa Viagem ao Oriente. Por entre as linhas férreas e ladeiras de Zurique encontramos a Arca de Noé, guardada por velhos cães que atendiam todos pelo mesmo nome, e que foram conduzidos sobre as águas rasas de um calmo período por Hans C. até o descendente de Noé, o amigo das artes. Seguimos para Winterthur, penetrando no Armário Mágico de Stocklin; fomos hóspedes do Templo Chinês, com seus vasos de incenso reluzindo sob a Ma j a de bronze, onde o rei negro tocava docemente sua flauta, no tom vibrante do gongo do templo. Encontramos, no sopé das Montanhas do Dol, Suon Mali, uma colônia do Rei do Sião, onde, por entre os Budas de pedra e bronze, oferecemos libações e incenso em agradecimento à hospedagem.

Uma das mais belas experiências ocorreu durante as celebrações da Confraria em Bremgarten; o círculo de magia cercou-nos então de maneira envolvente. Recebidos por Max e Tilli, os senhores do castelo, ouvimos Othmar executando Mozart no grandioso piano do imenso salão. Os jardins estavam povoados de papagaios e outros pássaros falantes. A fada Armida cantava à beira da fonte. Com os fartos cabelos anelados, a cabeça do astrólogo Longos inclinava-se ao lado da amada figura de Henry de Ofterdingen. Os pavões faziam-se ouvir no jardim, e Luís conversava em espanhol com o Gato de Botas. Hans Resom, agitado após espreitar no jogo de cabra-cega da vida, jurava fazer uma peregrinação ao túmulo de Carlos, o Grande. Este foi um dos períodos de ouro de nossa viagem; acompanhava-nos um fluxo de magia que tudo purificava. Os habitantes ajoelhavam-se para adorar a beleza, o senhor do castelo recitou um poema que narrava nossos feitos do dia precedente. Os animais da floresta rondavam o muro do castelo, e peixes cintilavam nas águas do rio, em cardumes agitados, alimentando-se de bolos e vinho.

O ponto culminante dessas experiências, que merece realmente ser narrado, revestiu-se de uma característica que revela seu espírito. Talvez minha descrição pareça pobre e até tola, mas todos os que festejaram os dias passados em Bremgarten confirmariam os menores detalhes e acrescentariam os seus, ainda mais belos. Jamais esquecerei o brilho mortiço da cauda dos pavões sob o luar, surgindo entre as árvores altaneiras, nem as sereias que emergiam cintilantes, com o corpo prateado, nas margens sombrias, por entre as rochas. Don Quixote, de pé

sob a castanheira ao lado da fonte, em sua primeira vigília noturna, enquanto as derradeiras velas romanas do espetáculo pirotécnico caíam suavemente sob as torres do castelo, e meu companheiro Pablo, ornado de rosas, tocava o órgão persa para as donzelas. Mas — ah! — quem poderia imaginar que o círculo de magia seria rompido tão cedo! Que todos nós — e também eu, até eu — nos perderíamos nos insondáveis desertos da realidade planejada, exatamente como os funcionários e ajudantes de lojas que, após uma festa ou um passeio dominical, voltam à rotina de mais um dia de trabalho.

Nenhum de nós abrigava tais pensamentos àquela época. O aroma dos lilazes nas torres do castelo de Bremgarten penetrava em meu quarto. Podia ouvir o rio correndo por sob as árvores. Saltei a janela e penetrei na noite, embriagado de felicidade e ternura. Passei furtivamente pelo cavaleiro de guarda e os convivas do banquete, alcançando a borda do rio com suas mansas águas, e as alvas e reluzentes sereias. Fui por elas transportado à sua fria, enluarada e cristalina morada, onde brincavam languidamente com coroas e correntes douradas de seu tesouro. Tive a sensação de haver passado meses sob aquelas profundezas cintilantes; contudo, ao subir à tona e nadar para a margem, inteiramente revigorado, ainda podia ouvir Pablo tocando o órgão no jardim, e a lua ainda brilhava alta no céu. Vi Leo que brincava com dois *poodles* brancos, o rosto infantil irradiando felicidade. Encontrei Longos sentado no bosque. Escrevia caracteres gregos e hebraicos em um livro que colocara sobre os joelhos; das letras pareciam saltar dragões e serpentes coloridas. Ele não me fitou; continuou pintando, absorto na escrita serpeante. Permaneci longo tempo observando o livro por sobre seus ombros curvados. Vi as serpentes e os dragões que nasciam de suas mãos turbilhonar e desaparecer em silêncio, na direção do escuro bosque. — Longos, meu prezado amigo! — murmurei. Mas ele não me ouviu, tão distante estava seu mundo do meu. Um pouco além, sob as árvores iluminadas pelo luar, Anselmo passeava com uma íris nas mãos; fitava, sorrindo, absorto em seus pensamentos, o purpúreo cálice da flor.

Voltei a impressionar-me de maneira um tanto dolorosa com um fato que observara diversas vezes durante a viagem, sem que pudesse refletir profundamente a respeito, nos dias que passamos em Bremgarten. Havia entre nós muitos artistas, pintores, músicos e poetas. O ardente Klingsor, o irrequieto Hugo Wolf, o taciturno Lauscher e o alegre Brentano lá estavam — mas, apesar de pessoas agradáveis e entusiasmadas, notei que, sem exceção, seus personagens imaginários eram mais vivazes, belos, felizes e por certo mais perfeitos e reais do que os poetas e seus próprios criadores. Pablo irradiava inocência e contentamento com sua flauta, mas seu poeta desvaneceu-se como uma

sombra na direção do rio, quase transparente sob o luar, buscando a solidão.

Hoffman, cambaleante em virtude da bebida, corria por entre os convidados, falando muito, com sua figura pequena e travessa, também me parecendo, como os demais, um tanto irreal, quase ausente, como se não fosse palpável e verdadeiro. O arquivista Lindhorst, simulando uma luta com os dragões, lançava fogo pelas narinas, como um máquina a vapor. Indaguei a Leo, o criado, por que os artistas geralmente pareciam semi-existir, ao passo que suas obras permaneciam tão incontestavelmente vivas. Leo fitou-me com surpresa. Deixou então escapar-lhe das mãos o cãozinho com que brincava e respondeu: — Acontece o mesmo com as mães. Ao gerarem os filhos, amamentá-los e torná-los belos e fortes, elas próprias passam à insignificância, e ninguém mais por elas se inquieta.

— Mas isto é muito triste — disse eu, sem refletir profundamente sobre o fato.

— Não creio que seja mais triste que tudo o mais — retrucou Leo. — Talvez seja triste e ao mesmo tempo belo. A lei assim o determina.

— A lei? — indaguei, curioso. — De que lei está falando, Leo?

— A lei de servir. Quem desejar viver muito deve servir, mas aquele que desejar governar não viverá por longo tempo.

— Então por que tantas pessoas lutam para governar?

— É que elas não compreendem. São poucos os que nascem para governar: estes vivem sempre felizes e saudáveis. Todos os demais que se tornam senhores através do esforço morrem sem nada.

— Como nada, Leo?

— Em um hospital, por exemplo.

Não consegui compreendê-lo muito bem, mas suas palavras ficaram-me na lembrança e me fizeram julgar que Leo sabia todas as coisas, talvez mais do que nós, ostensivamente seus senhores.

2

CADA um de nós, participantes desta inesquecível jornada, teve suas explicações quanto ao motivo pelo qual o fiel Leo decidiu abandonar-nos subitamente, em meio ao perigoso desfiladeiro do Morbio Inferior. Foi muito mais tarde que comecei a suspeitar vagamente, e analisar as circunstâncias e o sentido mais profundo do fato. Pareceu-me também que tal acontecimento, aparentemente casual, mas na realidade de extrema importância, ou seja, o seu desaparecimento, não foi absolutamente um acidente, mas um elo na cadeia de fatos pela qual o eterno inimigo procurava levar o infortúnio à nossa jornada. Naquela fria manhã de outono, em que demos pela falta de Leo, e na qual seriam infrutíferas as tentativas de busca, não fui o único a experimentar, pela primeira vez, uma sensação de desgraça iminente através de um destino ameaçador.

Era esta, pelo menos, a nossa disposição na ocasião. Após empreendermos a perigosa travessia da Europa e parte da Idade Média, acampamos em um estreito vale rochoso, um violento despenhadeiro na fronteira da Itália, à procura de Leo, desaparecido inexplicavelmente. Quanto mais o procurávamos e víamos nossas esperanças de encontrá-lo diminuírem com o passar do dia, mais nos oprimia o pensamento de que não se tratava apenas de um serviçal estimado e amável, que sofrera algum acidente ou se evadira, ou mesmo fora capturado por inimigos — mas que tudo indicava o aparecimento de problemas, o primeiro indício de tempestade a se abater sobre nós.

Passamos todo o dia, só nos detendo à noitinha, em busca de Leo. Vasculhamos todo o despenhadeiro, o que, além de nos deixar em estado de exaustão, desesperança e inutilidade crescentes, fazia-nos refletir como era estranho e fantástico que, a cada hora, o desaparecimento do criado crescesse em importância, e sua ausência nos criasse tantas dificuldades. Não nos preocupávamos apenas com o belo, amável e pressuroso jovem; à medida que sua perda se evidenciava, mais indispensável o julgávamos. Sem a sua alegria e canções, seu belo rosto, o entusiasmo pela nossa magnífica jornada, o próprio empreendimento parecia perder inexplicavelmente seu sentido. Pelo menos era assim que me sentia. A despeito de todos os esforços e pequenos desencantos durante os meses

anteriores à viagem, jamais experimentara momentos de fraqueza interior, de dúvidas profundas; não havia generais vitoriosos, nem pássaros em seu vôo para o Egito mais seguros de seus objetivos, de sua missão, da retidão de atitudes e aspirações do que eu, nessa jornada. Agora, porém, naquele local fatídico, ouvindo os constantes chamados e sinais de nossas sentinelas durante todo o ensolarado dia de outubro, numa expectativa crescente, cada vez mais agitado, aguardando a chegada de notícias, e sofrendo a decepção, ao fitar aqueles rostos perplexos, pela primeira vez fui tomado por dúvidas e tristeza. E, à medida que tais sentimentos tomavam corpo, mais claro percebia que não apenas perdera as esperanças de reencontrar Leo, como também que tudo se tornara então incerto e duvidoso; estavam ameaçados o valor e o sentido das coisas; nosso companheirismo, a fé, o juramento, a Viagem para o Oriente, nossa própria vida.

Mesmo que estivesse errado ao supor que todos experimentassem os mesmos sentimentos, que mais tarde estivesse enganado a respeito de minhas experiências interiores e tantas outras coisas posteriormente ocorridas e erroneamente atribuídas àquele dia, mesmo assim permanece, a despeito de tudo, o estranho fato da bagagem de Leo. Deixando de lado os ânimos pessoais, esta foi, de fato, uma fonte de preocupação por demais estranha, fantástica e cada vez mais acentuada entre nós. Já naquele dia, no despenhadeiro de Morbio, ou durante nossa busca ansiosa ao desaparecido, a princípio um, em seguida outros, começaram a dar pela falta de algo de grande importância, indispensável à bagagem, que não pôde ser encontrado. Pareceu-nos que todos esses objetos só poderiam estar em poder de Leo, e embora este, como os demais, levasse apenas a habitual sacola de linho nas costas, a que fora perdida continha o que de mais valioso levávamos conosco na viagem.

É uma fraqueza natural do homem julgar que o que perdemos possui um valor exagerado e parece menos dispensável do que tudo o que possuímos. Embora muitos dos objetos, cuja perda no despenhadeiro de Morbio tanto nos perturbou, mais tarde nos parecessem sem importância, é preciso reconhecer que, na ocasião, ficamos alarmados, com justos motivos, pelo desaparecimento de tantas coisas de valor.

O segundo fato extraordinário e singular foi que os objetos perdidos, quer aparecessem mais tarde ou não, assumiram importância gradativa, e aos poucos os pertences que pareciam perdidos, que erradamente lamentávamos com tanto sentimento e aos quais déramos uma significação exagerada, voltaram a aparecer em meio às nossas provisões. Devo esclarecer, para que fique explícito o que era verdadeiro e ao mesmo tempo inexplicável, que ao prosseguirmos na jornada, os utensílios, os objetos de valor, o roteiro e documentos que se haviam

perdido nos pareceram, para nossa vergonha, indispensáveis. Na verdade, era como se cada um de nós forçasse ao máximo a imaginação para se convencer de que aquelas eram perdas terríveis e irreparáveis, como se cada um se esforçasse para dar como perdido o que considerasse mais valioso para si, e o lamentasse; para uns, eram os passaportes, para outros, os mapas ou a Carta de Recomendação para o Califa. Todos afligiam-se com alguma coisa. E, embora terminássemos por compreender que muitos objetos dados como perdidos na verdade não o estavam, ou que eram desnecessários, houve realmente algo valioso, de importância inestimável, um documento indispensável que se constituiu de fato em uma grande perda.

Discutíamos inutilmente se o documento desaparecido juntamente com Leo estivera de fato em nossa bagagem. Todos concordaram quanto ao seu valor e a falta que nos faria, mas poucos (inclusive eu) podiam afirmar que o havíamos trazido conosco. Alguém assegurou que havia um documento semelhante na bagagem de Leo; não se tratava do documento original, era apenas uma cópia; outros declararam que não fora sequer cogitado levarmos o documento nem sua cópia para a viagem, já que isto provocaria zombarias em relação ao sentido de nossa jornada. Houve discussões acaloradas, surgindo opiniões contraditórias quanto ao paradeiro do original (não importava se possuíamos apenas a cópia, ou que a tivéssemos ou não perdido). Ficou estabelecido que o documento fora confiado ao governo em Kyffhauser. Absolutamente, contestou alguém, suas cinzas encontram-se na urna crematória de nosso falecido mestre. Bobagem, retrucou um outro, o documento da Confraria fora escrito em um código conhecido apenas pelo mestre, e queimado juntamente com seu cadáver, de acordo com seu desejo. Eram infrutíferos os interrogatórios sobre o documento original, pois, após a morte do mestre, ninguém pudera lê-lo. Era, no entanto, necessário estabelecer o local em que se encontravam as quatro (seis, diziam alguns) traduções do original, elaboradas quando o mestre ainda era vivo, sob sua supervisão. Foi dito ainda que existiam traduções em chinês, grego, hebraico e latim, e que estavam depositadas nas quatro antigas capitais. Houve muitas outras explicações; alguns defendiam-nas com obstinação, outros aceitavam ora um, ora outro argumento, para novamente mudarem de opinião. Não demorou muito para que deixasse de reinar a certeza e a união em nossa comunidade, embora a grande meta ainda nos mantivesse coesos.

Como são claras as lembranças de nossas primeiras discussões! Eram algo inusitado em nossa até então harmônica Confraria. Processavam-se com respeito e contenção — pelo menos nos primeiros tempos. Não ocasionaram, de início, qualquer conflito mais acirrado ou

reprimendas e insultos pessoais — constituíamos ainda uma irmandade inseparável e unida pelo mundo inteiro. Posso ainda ouvir suas vozes, vejo nossos acampamentos onde o primeiro desses debates teve lugar. Lembro-me das douradas folhas de outono que caíam por entre os semblantes desusadamente graves. Um pusera-se de joelhos, outro deitara sobre um chapéu. Eu os escutava, sentindo-me cada vez mais angustiado e temeroso, mas, em meio àquela troca de idéias, minha crença surgia segura, tristemente segura em meu interior: o verdadeiro documento original estivera na bolsa de Leo, desaparecendo juntamente com ele. Era esta a minha convicção, apesar de desalentadora. Fez nascer em mim um sentimento de segurança e certeza. Acreditava poder substituí-la por outra mais promissora. Somente mais tarde, quando também a perdi, e encontrei-me suscetível a toda sorte de opiniões, percebi o que minha crença encerrara.

Sinto não ser este o caminho certo pelo qual devo conduzir minha narrativa. No entanto, com poderei relatar esta jornada insólita, esta rara comunhão de idéias, uma vida espiritual tão elevada? Gostaria, como um dos últimos remanescentes da comunidade, de guardar alguns registros de nossa sublime causa. Sinto-me como um dos escravos sobreviventes, talvez de um dos Paladinos de Carlos, o Grande, que rememora uma série de feitos e prodígios sensacionais, os quais levará consigo para o túmulo se não conseguir transmiti-los à posteridade através da palavra ou da gravura, da narrativa ou da canção. Qual é, entretanto, o meio pelo qual narrarei a Viagem para o Oriente? Não sei responder. Esta primeira tentativa, iniciada com a melhor das intenções, já atinge as raias do incompreensível. Era minha intenção descrever simplesmente minhas lembranças dos fatos e detalhes individuais de nossa Viagem ao Oriente. Parecia-me muito simples. E mal começara, vejo-me compelido a interromper, devido a um único e simples episódio sobre o qual não havia ainda refletido, ou seja, o desaparecimento de Leo. Tenho em minhas mãos não uma trama, mas um emaranhado de milhares de fios que exigiriam anos para serem desembaraçados por centenas de mãos, mesmo que cada fio não se tornasse tão terrivelmente frágil e se rompesse por entre os dedos ao serem tocados. Todo historiador, penso eu, deixa-se afetar igualmente ao narrar os acontecimentos de determinado período, e deseja ré tratá-los com sinceridade. Onde está o centro dos fatos, o ponto comum em torno do qual gravitarão, e que lhes permitirá a unidade? É preciso que o autor, para que haja esta coesão, a causalidade, o sentido que deseja revelar e que possa manifestar-se de alguma maneira, crie entidades, um herói, uma nação, uma idéia, fazendo de suas criações alvo da ação, que na realidade tratam-se de pessoas desconhecidas.

É difícil descrever com conexão uma série de fatos que realmente ocorreram e foram testemunhados, sobretudo em meu caso, pois se tornam duvidosos no momento em que penso neles mais detalhadamente, fogem-me das mãos e se dissolvem como também se dissolveu nossa comunidade, a mais unida em todo o mundo. Não existe uma unidade, um centro, um ponto em torno do qual se processe a rotação.

Nossa Viagem ao Oriente e a Confraria, a base de nossa comunidade, foram o fato mais importante de minha vida, em vista das quais minha própria vida pessoal parecia inteiramente sem importância. E agora, que desejo rememorá-las e descrever este fato tão importante, ou pelo menos parte dele, resta-me apenas um conjunto de imagens isoladas e fragmentadas que se refletem em mim, e esta reflexão, ou seja, eu mesmo, este espelho, sempre que nele me fito, nada mais é que a superfície de um vidro plano. Coloco de lado a pena com a sincera intenção e esperança de continuar amanhã ou em qualquer outro dia, ou mesmo de recomeçar uma nova narrativa, mas no fundo de minhas intenções, de minha necessidade premente de relatar nossa história, existe uma dúvida terrível. Esta mesma dúvida assolou-me durante as buscas a Leo, no Vale do Morbio. Não se limita a indagar, "Sua história poderá ser contada?" Mas insiste na pergunta, "Você realmente a experimentou?" Conhecemos exemplos de homens que participaram da Grande Guerra e, embora tivessem muitas histórias e fatos verídicos para contar, devem ter abrigado as mesmas dúvidas.

3

VENHO pensando constantemente em minha decisão, desde que escrevi os capítulos anteriores, tentando solucionar minhas dificuldades. E não encontrei uma saída. Ainda me acho confuso. Mas estou determinado a não desistir, e no momento em que assim decidi, atravessou-me a mente uma agradável lembrança. Foi o mesmo que me ocorreu, quando iniciamos a expedição; àquela época, havíamo-nos dedicado a uma empresa aparentemente impossível, viajávamos nas trevas, sem conhecer nossos rumos e planos. E, apesar disso, tínhamos dentro de nós uma força roais possante que a realidade ou a probabilidade, que era a fé nos desígnios e na necessidade de nossa ação. Tive um estremecimento ao recordar este sentimento, e naquele abençoado momento tudo tornou-se novamente claro e possível.

Decidi executar meus planos. Ainda que seja necessário recomeçar dez, cem vezes minha narrativa, chegando sempre ao mesmo *cul-de-sac*, cem vezes a retomarei. Se não me for dado reconstruir as imagens em forma de um todo corrente, apresentarei cada fragmento isolado tão fielmente quanto possível. E, tanto quanto me for agora ainda permitido, observarei o preceito máximo de nosso importante período, jamais deixando-me embaraçar pela razão, tendo sempre em mente que a fé é mais forte que a realidade, como a denominamos.

Durante esse intervalo, fiz uma sincera tentativa de abordar meus objetivos de uma maneira prática e judiciosa. Procurei um amigo de juventude que mora nesta cidade e é diretor de um jornal. Seu nome é Lucas. Participou da Grande Guerra e publicou um livro de grande tiragem sobre o assunto. Lucas recebeu-me calorosamente. Como é natural, tinha prazer em rever um antigo companheiro de colégio. Tive duas longas conversas com ele.

Tentei fazê-lo compreender minha situação. Deixei de lado as evasivas. Disse-lhe com toda a franqueza que participara daquela magnífica jornada da qual ele também já deveria ter ouvido falar, a *Viagem ao Oriente*, a expedição da Confraria, ou qualquer que fosse a sua denominação para o público. Sim, naturalmente, sorriu com ironia, é claro que se lembrava. Entre seus amigos o singular episódio era conhecido principalmente, talvez com um certo desrespeito, como a

Cruzada Infantil. Tal movimento não era levado a sério por seu círculo de amigos. Fora inclusive comparado a uma espécie de movimento teosófico ou uma irmandade. Haviam também ficado surpresos com os êxitos periódicos da empresa. Leram com o devido respeito sobre a destemida viagem através da Suábia Superior, do triunfo em Bremgarten, da rendição da aldeia montanhosa de Tessin, e muitas vezes perguntavam-se se o movimento desejaria colocar-se a serviço de um governo republicano. O assunto, então, esgotou-se. Muitos dos antigos líderes abandonaram o movimento; na verdade, pareciam de certo modo envergonhar-se dele, e não mais desejavam lembrá-lo. As notícias a esse respeito eram poucas e sempre estranhamente contraditórias. Assim, a questão foi posta de lado *ad acta* e esquecida, como tantos movimentos políticos, religiosos e artísticos considerados excêntricos, naquela época do após-guerra. Foi um período rico em profetas, sociedades secretas com esperanças messiânicas, que surgiam e desapareciam sem deixar vestígios.

Ele deixou clara sua opinião, a de um cético bem intencionado. Todos os que ouviram sua história, mas dela não haviam participado, talvez tivessem pensado o mesmo sobre a Confraria e a Viagem ao Oriente. Não tinha a intenção de convencer Lucas, mas prestei-lhe algumas informações esclarecedoras. Por exemplo, disse-lhe que nossa Confraria não era uma conseqüência do após-guerra, mas que atravessara toda a história universal, é claro que, algumas vezes, de maneira discreta, porém formando uma linha contínua; que, mesmo certas fases, como a da Grande Guerra, não passaram de estágios da nossa história; e também que Zoroastro, Lao-Tsé, Plato, Xenofon, Pitágoras, Albertus Magnus, Don Quixote, Tristram Shandy, Novalis e Baudelaire eram co-fundadores e membros da Confraria. Ele sorriu exatamente da maneira que eu esperava. — Bem — disse eu — não vim aqui para informá-lo, mas para que você me transmita alguns conhecimentos. Tenho um enorme desejo de escrever, talvez não a história da Confraria (nem um exército de eruditos seria capaz de fazê-lo), mas contar, de maneira simplificada a história de nossa viagem. No entanto, tenho dificuldades até em iniciar o assunto. Não se trata de capacidade literária; esta eu creio possuir. E, além do mais, não alimento ambições a esse respeito. Não, acontece que a realidade que outrora experimentei, ao lado de meus companheiros, não mais existe, e embora as lembranças que dela guardo sejam as mais preciosas e vívidas que possuo, parecem-me tão distantes, compostas de tão diversas tramas, que é como se nascessem de outras estrelas, em outros milênios, ou fossem alucinações.

— Eu o compreendo! — exclamou Lucas, agitado. Agora nossa conversa começava a interessá-lo. — Compreendo perfeitamente! É

precisamente o que ocorre comigo em relação às minhas experiências de guerra. Sentia havê-las vivido clara e intensamente, suas imagens quase explodiam em minha mente; era como se houvesse em minha cabeça um rolo de filme, com milhares de metros de comprimento. Mas quando sentei-me em minha mesa de trabalho, as aldeias e bosques destruídos, os tremores de terra provocados pelo pesado bombardeio, a conglomeração de torpeza e magnitude, de medo e heroísmo, de estômagos e mentes embrulhados, do terror da morte e do humor sombrio, encontravam-se infinitamente remotos, como se fosse um sonho, sem qualquer relação com a realidade. Você sabe que, apesar de tudo, acabei por escrever minhas memórias de guerra, que são atualmente lidas e discutidas em toda parte. Mas, quer saber de uma coisa? Não creio que dez livros como este, dez vezes melhores e mais precisos que o meu, poderiam apresentar uma imagem real da guerra ao mais sério leitor, se ele próprio dela não houvesse participado. E não foram muitos. Mesmo aqueles que participaram, não a experimentaram por muito tempo. E se fossem muitos — tornariam a esquecer-se dela. O maior desejo de um homem ansioso por experimentar alguma coisa talvez seja dela se esquecer.

Permaneceu por algum tempo em silêncio, parecendo perplexo e perdido em suas reflexões. Suas palavras haviam confirmado minha própria experiência e pensamentos.

Após algum tempo perguntei-lhe cautelosamente: — Então, como foi possível escrever o livro?

Ele meditou por alguns momentos; despertando do devaneio, disse: — Pude fazê-lo apenas porque era necessário. Ou escrevia o livro, ou via-me tomado pelo desespero; era o único meio de escapar da inanidade, do caos e do suicídio. Escrevi o livro sob essa terrível pressão, e isso me trouxe a cura esperada, simplesmente porque fora escrito, não importando que fosse bom ou mau. Era a única coisa que importava. Ao escrevê-lo, não pensei em outros leitores, mas exclusivamente em mim, quando muito em um ou outro companheiro de guerra mais chegado, e não pensava então nos sobreviventes, mas nos que tombaram mortos na guerra. Era como se delirasse ou estivesse louco, cercado de corpos mutilados; foi assim que produzi o livro.

E concluiu nossa primeira conversa, dizendo subitamente: — Perdoe-me, nada mais posso dizer, nem uma só palavra. Não posso realmente. Adeus.

E fez com que me retirasse.

Em nosso segundo encontro achei-o novamente calmo e senhor de si, com o mesmo sorriso irônico nos lábios, embora tratasse meu problema com seriedade e demonstrasse compreendê-lo em toda a

extensão. Deu-me algumas sugestões que, no entanto, pareceram-me de certo modo inúteis. Ao final de nossa segunda e última conversa, disse em tom quase casual: — Ouça, você está sempre retornando ao episódio do serviçal Leo. Isto não me agrada; creio que representa um obstáculo em seu caminho. Liberte-se, deixe Leo de lado; acho que isso se tornou para você uma idéia fixa.

Estava a ponto de argumentar que não se podiam escrever livros sem idéias fixas, quando fui surpreendido por uma pergunta inesperada: — Ele se chamava realmente Leo? Minha fronte cobriu-se de suor.

— Sim, — respondi — é claro que se chamava Leo.

— E este era o seu nome de batismo? Gaguejei.

— Não, seu nome de batismo era ... era ... não me recordo. Leo era seu sobrenome. Era assim que todos o chamavam.

Enquanto eu ainda falava, Lucas tomou nas mãos um grosso livro em sua mesa e o folheou. Com impressionante rapidez encontrou e marcou com o dedo um ponto da página aberta. Era um catálogo, e seu dedo indicava o nome Leo.

— Veja — riu ele — nós já temos um Leo. Andreas Leo, Seilergraben, 69A. Não se trata de um nome comum; talvez este homem saiba alguma coisa sobre o seu Leo. Procure-o. Quem sabe não lhe dirá o que você deseja saber. Eu não posso. Se me permite, não tenho muito tempo. Foi um grande prazer vê-lo.

Caminhei vacilante, estupefato e agitado, até que fechou a porta atrás de mim. Ele estava certo, nada mais poderia aconselhar-me.

Naquele mesmo dia fui a Seilergraben, em busca da casa, e perguntei sobre o Sr. Andreas Leo. Morava em um quarto no terceiro andar. Às vezes ficava em casa aos domingos e durante a noite; de dia, saía para trabalhar. Indaguei sobre sua ocupação. Fazia de tudo, disseram-me. Manicurava unhas, praticava quiropodia e massagens; fazia também curas com ungüentos e ervas. Nas ocasiões difíceis, quando o trabalho era escasso, ocupava-se no treinamento e tratamento de cães. Retornei decidido a não mais procurar aquele homem, ou então de não lhe revelar minhas intenções. Não obstante, estava bastante curioso para encontrá-lo. Assim sendo, passei os dias seguintes observando sua casa durante minhas freqüentes caminhadas, e hoje lá retornarei, pois até agora não me foi possível encontrar Andreas Leo face a face.

Tudo isso está me levando ao desespero, e ao mesmo tempo deixa-me feliz, ou melhor, agitado e ansioso. Sinto que minha vida e eu mesmo somos novamente importantes, e que vivi em uma grande lacuna.

É provável que os clínicos e psicólogos, que atribuem todas as atitudes humanas aos desejos egoístas, estejam certos; não posso compreender como um homem que defende uma causa durante toda a vida, que abandona os prazeres e o bem-estar, que se sacrifica por algo determinado, aja do mesmo modo que um traficante de escravos ou negociante de materiais bélicos, e dissipe seus lucros numa vida de prazeres. Mas eu seria imediatamente derrotado numa discussão com tais psicólogos, pois tratam-se de pessoas que vencem sempre. Assim, tudo o mais que eu tenha considerado bom e justo, coisas pelas quais me sacrifiquei, não passaram de desejos egoístas. Na verdade, a cada dia que passa vejo mais claramente meu egoísmo presente em meus planos de escrever a história da Viagem ao Oriente. De início, pareceu-me que abraçava uma árdua tarefa em nome de uma nobre causa, mas aos poucos chego à conclusão que, através da descrição da jornada, viso o mesmo que o Sr. Lucas com seu livro sobre a guerra: melhor dizendo, desejo salvar minha vida, dando-lhe novamente sentido.

Se pudesse encontrar o caminho! Se pudesse apenas dar o primeiro passo!

— Deixe Leo de lado, liberte-se dele! — exortara-me Lucas. Eu só poderia livrar-me dele destruindo meus pensamentos e a revolta que sentia em meu estômago!

Oh, Deus, ajude-me.

4

TUDO me parece ainda diferente, e ainda não pude definir se foi possível resolver meu problema. Mas ocorreu um fato que jamais esperara — ou talvez o esperasse, antegozasse, desejando-o e temendo-o ao mesmo tempo. E, no entanto, ainda me parece estranho e improvável.

Fui muitas vezes a Seilergraben, talvez mais de vinte, durante o período que julguei ser-me favorável, e geralmente passava pelo 69A, dizendo para mim mesmo: — Tentarei mais uma vez, se nada acontecer, não volto mais. — Mas lá estava eu de novo, e, dois dias atrás, consegui satisfazer meus anseios. E como os satisfiz!

Ao aproximar-me da casa, com cujas rachaduras e fissuras do reboco cinza-esverdeado já estava familiarizado, ouvi o assobio de uma canção popular, vindo da janela de cima. De nada sabia ainda, mas permaneci na escuta. A música despertou lembranças adormecidas em minha mente. Era uma música banal, mas lindamente executada, com notas leves e agradáveis, estranhamente puras, tão alegre e natural como as canções dos pássaros. Detive-me para escutá-la, como que encantado, e ao mesmo tempo comovido, sem que nenhum pensamento me desviasse dela. E se algum houve, devo ter julgado que se tratava de um homem muito feliz e afável que assobiava daquela maneira. Durante alguns minutos senti-me pregado ao solo. Um velho com o rosto doentio e encovado passou por mim. Viu-me parado e deteve-se também para ouvir por um breve momento, e sorriu com compreensão ao afastar-se. Seu comovente olhar envelhecido pareceu dizer-me:

— Não se mova, não é sempre que se pode ouvir algo assim.

Seu olhar animou-me. Senti-me triste quando partiu. Naquele mesmo momento, contudo, percebi que o assobio era a concretização de todos os meus anseios, que seu autor devia ser Leo.

Já começava a escurecer, mas não havia luz nas janelas. A música de simples variações cessara. Fez-se silêncio. — Agora, ele acenderá as luzes — pensei, mas tudo permaneceu na escuridão. Escutei então uma porta abrir-se no andar de cima e, em seguida, o ruído de passos na escada. A porta da casa foi aberta e dela surgiu alguém que caminhava no mesmo ritmo do assobio, com leveza e alegria, embora o andar fosse

firme, saudável e jovial. Vislumbrei um homem esguio, sem chapéu, não muito alto, e minhas suspeitas transformaram-se ern certeza. Era Leo; não só o Leo do catálogo, mas o próprio Leo, nosso querido companheiro de viagem e servidor, cujo desaparecimento, cerca de dez anos atrás, nos trouxera tantos dissabores e desordem. Senti um impulso de dirigir-me a ele naquele instante de júbilo e surpresa. Lembrei-me então de que o ouvira assobiar muitas vezes durante a Viagem ao Oriente. Eram os mesmos acordes de outrora, porém, como me pareceram estranhamente diferentes! Invadiu-me uma enorme tristeza, como se me apunhalassem o coração: como tudo tinha mudado a partir de então, o céu, o ar, as estações, os sonhos, o sono, o dia e a noite! Como as coisas se haviam transformado para mim quando, graças a uma simples lembrança do passado, um assobio e o ritmo familiar de passos me afetaram tão profundamente, causando-me ao mesmo tempo tanto prazer e tanta dor!

O homem passou rente a mim, a cabeça descoberta e elástica envolta em uma aura de serenidade, quando a vi por trás, surgindo sobre a camisa azul de colarinho aberto. Sua figura movia-se com agilidade e leveza através da escura alameda, quase inaudível em sandálias finas ou sapatos tênis. Eu o segui sem nenhum propósito determinado. Como poderia deixar de fazê-lo! Ele prosseguia caminhando, e embora o passo fosse leve e fácil, assemelhava-se também à noite; tinha as mesmas características do crepúsculo, era companheiro da hora, continha os sons reprimidos do centro da cidade, a luz bruxuleante das primeiras lâmpadas que começavam a se acender.

Dirigiu-se ao pequeno parque do Portão de São Paulo, desaparecendo em meio aos altos e roliços arbustos, e eu apressei o passo para não perdê-lo de vista. Lá estava ele novamente; passeava lentamente ao longo dos canteiros de lilazes e acácias. O caminho bifurcou-se no pequeno bosque. Havia alguns bancos ao longo do gramado. Ali, sob as árvores, já escurecera. Leo passou pelo primeiro banco; nele estava sentado um jovem casal. O banco seguinte estava vazio. Ele sentou-se, inclinando a cabeça para trás, e durante alguns minutos contemplou as folhas e as nuvens. Em seguida tirou do bolso do casaco uma caixinha branca de metal, colocou-a a seu lado no assento do banco, destampou-a e lentamente pôs-se a tirar da caixa algo que colocou na boca e comeu com prazer. Enquanto isso, eu caminhava de um lado para outro na entrada do bosque; dirigi-me então ao banco onde se encontrava e sentei-me na extremidade oposta. Ele ergueu o olhar e fitou-me com seus olhos cinza-claros, sem interromper a refeição. Comia frutas secas, ameixas e damascos. Tirava-as uma a uma por entre dois dedos, apertava-as e apalpava, levava-as à boca e as mastigava demoradamente, com deleite. Passou-se muito tempo até que comesse a última fruta. Fechou então a

caixa e a colocou de lado, inclinou-se para trás e estendeu as pernas. Agora podia ver que seus sapatos de lona tinham a sola de corda trançada.

— Vai chover hoje — disse ele subitamente, não sei se para mim ou para si próprio.

— É, parece que sim — respondi, um tanto embaraçado, pois se não reconhecera minhas feições e meu andar, era possível, eu tinha quase certeza, de que se recordaria de minha voz.

Mas ele não me reconheceu absolutamente, nem mesmo pela voz, e embora fosse esse o meu primeiro desejo, causou-me enorme decepção.

Não fora reconhecido. Ele permanecia o mesmo após dez anos, não envelhecera; comigo ocorrera de maneira diferente, melancolicamente diferente.

— Você assobia muito bem — disse eu.

— Estive a escutá-lo há pouco em Seilergraben. Causou-me enorme prazer. Eu já fui músico.

— De verdade? — exclamou amavelmente.

— É uma bela profissão. Com que então o senhor desistiu?

— Sim, por enquanto. Cheguei até a vender meu violino.

— Foi mesmo? Que pena! O senhor está em dificuldades... isto é, o senhor está com fome? Ainda tenho alguma coisa de comer em casa. Trago também algum dinheiro no bolso.

— Não, não — repliquei rapidamente — não foi isso que quis dizer. Estou em boa situação. Tenho mais do que o necessário. Mas de qualquer modo, muito obrigado; foi muito gentil em oferecer-me. Não é sempre que se encontram pessoas assim.

— O senhor acha? Talvez tenha razão. As pessoas às vezes são muito estranhas. O senhor também é uma pessoa estranha.

— Sou? Por que diz isso?

— Bem, porque o senhor tem dinheiro e vendeu seu violino. Quer dizer que não mais aprecia a música?

— Sim, aprecio, mas às vezes acontece que um homem não mais encontra prazer em algo de que costumava gostar. Um homem vende seu violino ou o atira de encontro à parede, um pintor um belo dia queima todos os seus quadros. Nunca ouviu falar em casos assim?

— Sim, ouvi. É devido ao desespero. Acontece realmente. Eu mesmo conheço duas pessoas que se suicidaram. Pessoas como essas são

tolas e podem ser perigosas. Há certas pessoas a quem não podemos ajudar. Mas o que faz agora, se não tem mais seu violino?

— Ora, muitas coisas. Não tenho realmente muito o que fazer. Já não sou jovem e freqüentemente adoeço. Mas por que insiste em falar sobre o violino? Não é tão importante.

— O violino? É que me faz lembrar o Rei Davi.

— O Rei Davi? O que tem ele a ver com isso?

— Ele também era músico. Quando ainda muito jovem, costumava tocar para o Rei Saul e muitas vezes dissipava seus aborrecimentos através da música. Mais tarde ele próprio tornou-se rei, um grande rei cheio de cuidados, de humor variável e aflições. Usava uma coroa e dirigia guerras, e também perpetrou atos cruéis, tornando-se muito famoso. Mas quando penso em sua vida, a fase mais bela é a do jovem Davi tocando harpa para o pobre Saul, e acho lamentável que tenha se tornado rei. Era muito mais feliz e bondoso quando músico.

— É claro que sim! — exclamei arrebatadamente. — Naturalmente, ele era mais jovem àquela época, mais belo e mais feliz. Mas não se fica jovem eternamente; o seu Davi de qualquer maneira perderia a juventude e a beleza, tornando-se um homem cheio de cuidados, mesmo que continuasse músico. Então transformou-se no grande Davi, realizou grandes feitos e compôs salmos. A vida não é sempre diversão!

Leo ergueu-se e fez uma mesura. — Está ficando escuro — disse — e logo começará a chover. Não conheço com detalhes os feitos de Davi, não sei se foram realmente notáveis. Para ser franco, tampouco conheço bem os seus salmos, mas não gostaria de dizer nada contra eles. Contudo, nada que Davi tenha dito me provará que a vida não passa de um jogo. É exatamente isso a vida, quando é bela e feliz... um jogo! É claro que se podem fazer muitas outras coisas, transformá-la em dever, em campo de batalha, em prisão, mas isso não a torna mais bela. Até logo, foi um prazer conhecê-lo!

O homem estranho e amável afastou-se com seu andar leve e firme, e estava prestes a desaparecer quando senti romperem-se meus poderes de autocontrole e comedimento. Corri atrás dele com desespero e gritei suplicante: — Leo, Leo! Você é Leo, não é? Você não me conhece mais? Fomos companheiros da Confraria, ainda somos. Participamos juntos da Viagem para o Oriente. Esqueceu-se de mim, Leo? Não se lembra dos Guardas da Coroa, de Klingsor e Goldmund, do Festival em Bremgarten, do despenhadeiro do Morbio Inferior? Leo, tenha piedade de mim!

Ele não fugiu como eu temia, embora não se voltasse; caminhou com passo firme, como se nada tivesse escutado, mas deu-me tempo para que o alcançasse, e pareceu não fazer objeção a que seguisse a seu lado.

— O senhor está tão agitado, tão apressado — disse gentilmente — isto não é bom. Desfigura nossas feições e prejudica a saúde, Caminhemos devagar, acalma os nervos. São maravilhosas estas gotas esparsas de chuva, não acha? Caem do céu como água-de-colônia.

— Leo — disse em tom suplicante — tenha piedade! Diga-me apenas uma coisa: você ainda me conhece?

— Ah! — retrucou suavemente, como se falasse a um bêbedo ou um louco, — agora o senhor se sentirá melhor; estava apenas agitado. O senhor me pergunta se o conheço. Ora, quem conhece outras pessoas, ou mesmo a si próprio? Quanto a mim, não consigo compreender as pessoas. Não me interesso por elas. No entanto, compreendo os cães, os pássaros e os gatos... mas não o conheço, realmente, senhor.

— Mas você não pertence à Confraria? Não fez parte da expedição conosco?

— Eu ainda realizo a jornada, senhor, e ainda pertenço à Confraria. São tantos que surgem e partem; a gente conhece as pessoas e ao mesmo tempo não as conhece. Com os cães é muito mais simples. Espere, fique aqui um instante!

Ergueu o dedo em sinal de advertência. Detivemo-nos no jardim às escuras, que se deixava envolver por uma crescente névoa fina. Leo contraiu os lábios e deixou escapar um longo, suave e vibrante assobio, aguardou por um momento e voltou a assobiar. Dei um passo para trás quando, do outro lado da cerca telada onde nos encontrávamos, saltou um enorme cão policial, surgindo por entre os arbustos, e, ganindo de prazer, encostou o corpo de encontro à cerca, para que pudesse ser acariciado pêlos dedos de Leo, através dos arames. Os olhos do animal faiscavam, com reflexos verdes, e sempre que seu olhar pousava sobre mim, soltava um profundo gemido. Era como um trovão distante, quase inaudível.

— Este é um cão policial, seu nome é Necker — disse Leo, apresentando-me. — Somos grandes amigos. Necker, este é um ex-violinista. Você não deve fazer nada contra ele, nem mesmo latir.

Leo acariciou suavemente o espesso pêlo do animal através das grades. Era realmente uma bela cena; agradava-me ver como se entendia tão bem com o cão, e o prazer que aquele encontro noturno lhe causava. Ao mesmo tempo, magoava-me, era quase insuportável, o fato de que Leo fosse tão afetuoso com o cão, provavelmente com todos os cães da

redondeza, ao passo que nos separava uma enorme distância. A amizade e intimidade que eu provocava com humildade e quase súplica parecia pertencer àquele animal, Necker, e também a todos os demais, a cada gota de chuva, a cada palmo de chão que Leo pisava. Era como se ele dedicasse todo o seu ser, numa constante atenção às coisas que o cercam, conhecendo-as todas, e sendo conhecido e amado por elas. E justamente comigo, que o amava e dele necessitava tanto, não havia essa intimidade, era o único de quem ele fugia; fitava-me de maneira fria e pouco amistosa, mantinha-me à distância e afastara-me de sua memória.

Prosseguimos na caminhada lado a lado. Da outra extremidade da cerca o cão o seguia, emitindo sons abafados e satisfeitos de afeição e prazer, sem, contudo, esquecer minha presença indesejável, pois muitas vezes reprimiu seus grunhidos de defesa e hostilidade, por amor a Leo.

— Perdoe-me — tornei a falar — estou tomando seu tempo. Naturalmente, deseja ir para casa e recolher-se.

— Absolutamente — respondeu sorrindo. — Não me incomoda passear pela noite. Não me faltam tempo e vontade, não sei se o mesmo ocorre com o senhor.

Disse essas palavras com delicadeza e, naturalmente, com sinceridade. Porém, mal respondera, senti subitamente um cansaço enorme, na mente e em cada músculo do corpo, e como me eram fatigantes aquelas andanças inúteis e embaraçosas no meio da noite.

— Estou realmente muito cansado — disse desanimado — agora começo a senti-lo. Além do mais, não vejo motivo para ficar passeando sob a chuva, aborrecendo os outros.

— Como desejar — disse ele com cortesia.

— Ah, Sr. Leo, o senhor não falava comigo desta maneira durante a viagem da Confraria ao Oriente. Esqueceu-se realmente de tudo? Bem, não adianta. Não o importunarei mais. Boa-noite.

Desapareceu rapidamente na noite escura. Ali fiquei sozinho, como um tolo, a cabeça reclinada. Perdera a partida. Ele não me conhecia; não desejava conhecer-me; rira-se de mim.

Voltei pela alameda; Necker, o cão policial, latia furioso por trás da cerca de arame. Estremeci de cansaço, desânimo e solidão, sob a tépida umidade daquela noite de verão.

Passara por momentos semelhantes no passado. No decurso desses períodos de desespero, era como se eu, um peregrino perdido, houvesse chegado à outra extremidade da terra, e nada mais me restasse a não ser a satisfação do último desejo: despencar-me de seu limite máximo para o vazio — para a morte. Este sentimento de desespero

voltou a afligir-me muitas vezes; o impulso suicida, no entanto, afastara-se e quase desvanecera. A morte não era mais o vazio, a negação. Para mim, transformara-se em muitas outras coisas. Aceitava agora as horas de desalento como se recebe uma dor física; nós a suportamos, com desânimo ou coragem; sentimos que progride, e às vezes nos invade uma curiosidade enfurecida ou zombeteira quanto à sua capacidade de crescer, para ver até que ponto a dor pode ainda aumentar. Toda a tristeza de minha vida de desilusões que, desde o retorno da mal sucedida viagem ao Oriente, tornara-se cada vez mais inútil e sem sentido, toda a descrença em mim mesmo e em minha capacidade, as saudades que sentia, pesaroso e frustrado, dos belos tempos que vivera outrora, cresciam dentro de mim como essas dores, elevavam-se como árvores e montanhas, importunavam-me, e adivinham exclusivamente da tarefa a que me propusera anteriormente, à narrativa da Viagem ao Oriente e sobre a Confraria. Sentia agora que realizá-la não me traria satisfação ou proveito. Somente uma esperança parecia-me compensadora — purificar-me e redimir-me através de meu trabalho, do serviço que prestaria à lembrança daqueles magníficos dias, colocando-me novamente em contato com a Confraria e suas experiências.

Ao chegar a casa acendi a luz, sentei-me à mesa de trabalho com as roupas molhadas, o chapéu sobre a cabeça, e escrevi uma carta. Preenchi dez, doze, vinte páginas de ressentimentos, remorso e súplicas endereçadas a Leo. Descrevi-lhe a necessidade que dele sentia, evoquei imagens de nossas experiências mútuas, de nossos então amigos comuns. Lamentei as extremas e infinitas dificuldades que obstaram minha bem intencionada iniciativa. Desvanecera-se o aborrecimento do momento; agitado, sentara-me e escrevera. Apesar das dificuldades, escrevi, suportaria tudo mas não divulgaria um único segredo da Confraria. A despeito de tudo, não deixaria de completar meu trabalho em memória da Viagem ao Oriente, para glorificação da Confraria. Com entusiasmo febril, cobria páginas e páginas de palavras rapidamente escritas. As lamentações, queixas e auto-acusações jorravam como água de uma torneira quebrada, sem reflexão, sem fé, sem esperança de resposta, apenas com o desejo de desabafar-me. Enquanto era ainda noite, levei a longa e confusa carta à mais próxima caixa postal. Finalmente veio a madrugada. Desliguei as luzes, dirigi-me ao pequeno dormitório do sótão, que fica ao lado de minha sala de estar, e deitei-me. Adormeci imediatamente, caindo num sono profundo e reparador.

5

APÓS abrir os olhos e cochilar novamente por várias vezes, despertei no dia seguinte com uma forte dor de cabeça, porém sentindo-me descansado. Para minha extrema surpresa, prazer e embaraço, encontrei Leo na sala de estar. Estava sentado à beira de uma cadeira e parecia esperar há longo tempo.

— Leo — exclamei — você veio!

— Eles me enviaram em nome da Confraria — explicou. — O senhor endereçou-me uma carta referindo-se a ela. Mostrei-a aos magistrados. O senhor deverá apresentar-se perante o Alto Trono. Podemos ir?

Apressei-me, perturbado, a calçar meus sapatos. Minha mesa, desarrumada a noite anterior, apresentava ainda um aspecto de desordem e confusão. Naquele momento, mal recordava o que havia escrito ali sentado, tão cheio de angústia, algumas horas atrás. Contudo, não parecia ter sido em vão. Alguma coisa acontecera. Leo viera.

Repentinamente, pela primeira vez, percebi a importância de suas palavras. Então ainda existia a *Confraria*, da qual nada mais soubera, e que existira sem mini e não mais me considerava um de seus membros! Ainda existiam a Confraria e o Alto Trono! Havia os magistrados; e estes me chamavam! Senti um calafrio. Vivera tantos meses naquela cidade, dedicando-me aos apontamentos sobre a Confraria e nossa viagem, sem saber se a mesma ainda existia, onde se encontrava, ou se era eu talvez o seu último membro. Na verdade, para ser franco, em certas ocasiões duvidara até de que a Confraria e minha participação junto à mesma houvessem realmente ocorrido. E agora ali estava Leo, enviado por ela, com a incumbência de levar-me. Eu fora lembrado, intimado, eles desejavam ouvir-me, talvez julgar-me. Deus do céu! Estava pronto. Estava pronto a demonstrar que não os traíra. Estava pronto a obedecer. Quer os magistrados me punissem ou perdoassem, estava preparado de antemão para aceitar o que viesse, para concordar com seu julgamento e obedecê-los.

Partimos. Leo seguia na frente, e, novamente, como costumava fazer muitos anos atrás ao observar seu modo de andar, fui obrigado a

admirá-lo como um servidor perfeito. Caminhava pelas ruas à minha frente, ágil e pacientemente, indicando o caminho: era o guia perfeito, o servidor ideal no cumprimento de sua tarefa, o magistrado sem falhas. Impunha um árduo teste para a minha paciência. A Confraria mandara-me chamar, o Alto Trono me aguardava, tudo que possuía estava em jogo: minha vida futura seria decidida, a vida passada iria agora conservar ou perder todo o seu sentido — estremeci de ansiedade, prazer, angústia e temor. O caminho que Leo tomara parecia-me, na minha impaciência, interminável, pois tive de seguir o meu guia por mais de duas horas, através dos mais estranhos e aparentemente caprichosos caminhos. Leo deixou-me por duas vezes a esperá-lo à porta de uma igreja na qual foi orar. Durante longo tempo, que para mim pareceu uma eternidade, permaneceu em meditação, absorto diante da velha Municipalidade, e contou-me da sua fundação, no século XV, por um famoso membro da Confraria. E embora a maneira como tivesse tomado aquele caminho parecesse tão cuidadosa e proposital, confundiam-me as voltas, desvios e ziguezagues através dos quais aproximávamo-nos de nosso destino. A caminhada, que custou-nos toda a manhã, poderia ter sido feita em um quarto de hora.

Finalmente, Leo guiou-me até urna rua sossegada e suburbana, chegando a um enorme prédio silencioso. A julgar pelo aspecto exterior, dir-se-ia que se tratava de uma ampla assembléia, ou um museu. A princípio não se via vivalma em parte alguma. Os corredores e escadas estavam desertos e faziam ecoar nossos passos. Leo começou a procurar entre os vestíbulos, escadas e antecâmaras. Abriu cautelosamente uma enorme porta, que nos revelou um abarrotado estúdio artístico; diante de um cavalete vimos o artista Klingsor em mangas de camisa — ah, quantos anos se haviam passado desde a última vez que vira aquele rosto amado! Contudo, não ousei cumprimentá-lo; não era oportuno, naquele momento. Eu era esperado. Fora convocado. Klingsor não nos prestou muita atenção. Cumprimentou Leo com um aceno de cabeça; não me vira ou não me reconhecera, e fez um gesto, amável embora decidido, para que nos retirássemos, não permitindo qualquer interrupção em seu trabalho.

Finalmente, no topo do imenso edifício, chegamos a uma água-furtada que cheirava a papel e cartolina, em cujos corredores, através de centenas de jardas, havia portas de armários, lombadas de livros e pilhas de documentos; um arquivo gigantesco, uma enorme chancelaria. Ninguém tomava conhecimento de nossa presença; estavam todos silenciosamente ocupados. Tive a impressão de que todo o planeta, até mesmo o firmamento era dali governado ou pelo menos observado e registrado. Esperamos durante longo tempo de pé naquele local; os

encarregados dos arquivos e biblioteca moviam-se apressadamente à nossa volta, com sumários e números de catálogos nas mãos. Colocavam escadas e nelas subiam em diversos pontos da sala, os elevadores e pequenos vagonetes eram postos em movimento, cuidadosa e silenciosamente. Leo então pôs-se a cantar. Escutei-o comovido; em certa ocasião aquela música me fora muito conhecida. Era a melodia de uma das canções da nossa Confraria.

Ao som da música, houve um rebuliço geral. Os magistrados retiraram-se, a sala permaneceu em uma sombria solidão. Um grupo de pessoas ocupadas, minúsculas e irreais, trabalhavam próximas ao gigantesco arquivo, no fundo da sala. Sua parte fronteira, contudo, mostrava-se espaçosa e vazia. O recinto ganhara impressionantes dimensões. No centro, dispostos em ordem, estavam numerosos assentos, e, vindos do fundo da sala, e das inúmeras portas, surgiram diversos magistrados que se aproximaram lentamente dos assentos e os ocuparam um a um. Aos poucos foram preenchidas todas as fileiras de cadeiras. A carreira de assentos erguia-se gradativamente até culminar com um trono, que ainda não fora ocupado. O solene Sinédrio achava-se repleto até à altura do trono. Leo lançou-me um olhar de advertência para que me mantivesse calmo, silencioso e contrito, desaparecendo em meio aos demais; de repente, ele se fora, e não pude mais vê-lo. Mas aqui e ali, por entre os magistrados que se reuniam em redor do Alto Trono, observei fisionomias familiares, quer graves, quer sorridentes. Vi Albertus Magnus, o barqueiro Vasudeva, o artista Klingsor, e muitos outros.

Por fim todos silenciaram e o Presidente da Assembléia deu entrada na sala. Sentia-me pequenino e abandonado perante o Alto Trono, preparado para tudo, num estado de enorme ansiedade, embora de inteiro acordo com tudo o que ali ocorresse e ficasse decidido.

A voz do Presidente da Assembléia ergueu-se clara e serena através do recinto.

— Auto-acusação de um companheiro de Confraria, desertor — ouvi-o anunciar. Meus joelhos tremeram. Tratava-se de meu destino. Mas assim devia ser... as coisas precisavam agora ser esclarecidas. O Presidente prosseguiu:

— Seu nome é H. H.? O senhor participou da marcha através da Suábia Superior, e do Festival de Bremgarten? Abandonou seu grupo logo após a passagem pelo Morbio Inferior? Confessou que desejava escrever a narrativa da Viagem ao Oriente? Considerou-se impedido pelo seu voto de silêncio sobre os segredos da Confraria?

Respondi afirmativamente a cada unia das perguntas, mesmo aquelas que a mini pareciam incompreensíveis e assustadoras.

Os magistrados conferenciaram com murmúrios e gestos durante alguns momentos; a seguir, o Presidente da Assembléia deu novamente um passo à frente e proclamou:

— O auto-acusado está de agora em diante autorizado a revelar publicamente todos os estatutos e segredos da Confraria que forem de seu conhecimento. Além disso, estão à sua disposição todos os arquivos da Confraria, para que complete seu trabalho.

Dito isto, afastou-se. Os magistrados dispersaram-se e desapareceram lentamente, alguns para o fundo da sala, outros para as saídas; fez-se silêncio completo na enorme sala. Olhava ansiosamente à minha volta, quando vi, sobre um dos arquivos, documentos que me pareceram familiares. Ao toma-los em minhas mãos, reconheci meu trabalho, minha difícil produção, o manuscrito que tinha iniciado. *A Narrativa da Viagem ao Oriente*, de H. H., dizia o envelope azul. Tomei-o nas mãos e li a pequena e apertada caligrafia, muitas vezes rabiscada e cheia de correções. Assustava-me a idéia de que finalmente, com a aprovação dos superiores, teria permissão para completar minha tarefa. Ao considerar que nenhum juramento me prendia, que tinha acesso aos arquivos, àquelas imensas cavernas do tesouro, minha missão pareceu-me mais grandiosa e compensadora do que nunca.

No entanto, quanto mais páginas do manuscrito lia, menos me agradava o original. Mesmo nos meus primeiros momentos de profundo desânimo, jamais me parecera tão inútil e absurdo como agora. Tudo se mostrava tão tolo e confuso; as mais evidentes conexões estavam deturpadas, as mais óbvias, esquecidas; os fatos triviais e sem importância passavam ao primeiro plano. É preciso escrevê-lo outra vez, desde o princípio. Ao dar prosseguimento à leitura do manuscrito, riscava uma frase após outra e, ao fazê-lo, estas desintegravam-se sobre o papel, e as letras nítidas e inclinadas separavam-se em fragmentos ordenados, em pinceladas e pontos, círculos, flores e estrelas, cobrindo as páginas com desenhos graciosos e abstratos, como a ornamentação de um tapete.

Dentro em pouco, nada mais restava de meu texto; por outro lado, havia grande quantidade de papel em branco para meu trabalho. Recobrei a calma. Tentei ver as coisas claramente. Evidentemente, não conseguira fazer um relato preciso e imparcial, pois tudo se relacionava com os segredos que não me era permitido revelar, devido ao meu compromisso com a Confraria. Tentara evitar uma apresentação objetiva dos fatos, e, ao deixar de lado as relações, objetivos e metas mais importantes, restringira-me às experiências puramente pessoais. E ficou patente o resultado. Agora, não mais existiam restrições e votos de

silêncio. Recebera permissão total e, o que é mais importante, os arquivos encontravam-se à minha inteira disposição.

Percebi que, mesmo que meu trabalho anterior não fosse conduzido de maneira fantasiosa, seria necessário começar tudo de novo, utilizando novas bases. Decidi introduzir um breve relato sobre a Confraria, sua fundação e estrutura. Os extensos e grossos catálogos rotulados sobre as mesas, perdidos na distância e escuridão da sala, por certo forneceriam as respostas para todas as minhas dúvidas.

Antes de mais nada, lancei-me ao exame dos arquivos, sem obedecer a qualquer ordem preestabelecida. Precisava aprender a utilizar aquela máquina impressionante. Naturalmente, procurei em primeiro lugar o documento da Confraria.

Documento da Confraria, dizia o catálogo, "veja seção Crisóstomos, grupo V, versículo 39,8". Encontrei a seção, o grupo e o versículo sem maiores dificuldades. Os arquivos estavam organizados em perfeita ordem. Agora tinha o documento em minhas mãos. Era preciso preparar-me para a eventualidade de não conseguir decifrá-lo. Estava escrito em caracteres gregos, parecia-me, e eu compreendia alguma coisa desse idioma, mas por um lado, tratava-se de uma linguagem bastante antiga e estranha, sendo os caracteres, apesar da aparente clareza, em sua maior parte ilegíveis; por outro lado, o texto fora escrito em dialeto ou em uma linguagem simbólica secreta, da qual pude compreender uma ou outra palavra isolada, pelo som ou por analogia. Mas ainda não desanimara. Ainda que o documento fosse indecifrável, seus caracteres trouxeram-me vivas lembranças do passado. Vi com clareza meu amigo Longos desenhando caracteres gregos e hebraicos, que se transformavam em pássaros, dragões e serpentes, àquela noite, no jardim.

Estremeci ao sentir a enorme quantidade de material à minha disposição, ao folhear o catálogo. Encontrei muitas palavras e nomes conhecidos. Com surpresa, vi meu próprio nome, mas não ousei consultar o arquivo a esse respeito — quem poderia suportar o veredicto de uma Corte de Justiça sobre si próprio? Encontrei também o nome do artista Paul Klee, a quem conhecera durante a viagem e que era amigo de Klingsor. Procurei seu número nos arquivos. Encontrei um disco dourado com um trevo gravado ou pintado sobre a superfície. A primeira folha representava um minúsculo barco a vela azul, a segunda, um peixe de escamas coloridas, e a terceira, um texto em forma de telegrama, que dizia:

Azul como a neve,
É Paul como o Trevo[1]

[1] Klee = trevo, em alemão.

Experimentei um prazer melancólico ao ler a respeito de Klingsor, Longos, Max e Tilli. Não pude controlar o desejo de ler algo mais sobre Leo. Seu rótulo no catálogo dizia:

Cave!
Archiepisc. XIX. Diacon. D. VII.
Corno Ammon. 6
Cave!

Impressionaram-me as duas palavras do advertência, *Cave*. Não pude penetrar em seu sentido. A cada nova tentativa, contudo, percebia cada vez melhor a fonte de material, conhecimentos, e fórmulas mágicas que os arquivos ofereciam. Era como se ali estivesse catalogado todo o universo.

Após incursões desconcertantes ou satisfatórias àquele vasto manancial de conhecimento, voltei repetidamente à indicação de "Leo", com curiosidade crescente. E cada vez atemorizava-me a repetição da palavra Cave. Foi quando, ao perscrutar um novo arquivo, deparei com a palavra *Fátima* e a anotação:

princ. orient. 2
noct. mill. 983
hor. delic. 07

Encontrei a indicação nos arquivos. Havia um delicado medalhão que logo abri, contendo um retrato em miniatura de uma princesa de rara beleza, que por um instante fez-me lembrar de todas as mil e uma noites, das histórias de minha juventude, dos sonhos e anseios daquele maravilhoso período em que, viajando para o Oriente à procura de Fátima, Tivera meu noviciado e tornara-me membro da Confraria. O medalhão estava envolvido em um lenço de seda cor-de-malva, magnificamente tecido, do qual emanava uma fragrância adocicada e muito antiga, que trazia reminiscências de princesas e do Oriente. Ao sentir aquele odor mágico, antigo e raro, dominou-me a sensação repentina da doce magia que me envolvera ao encetar a peregrinação ao Oriente, e sua dissipação devido a obstáculos traiçoeiros e até desconhecidos, e como a magia desaparecera pouco a pouco, deixando-me profundamente desesperado, tomado pela desolação e desencanto. Não pude suportar por mais tempo a visão do lenço e do retrato, tal a

névoa que minhas lágrimas interpuseram em meus olhos. Ah, pensei, o retrato da princesa árabe não era suficiente para lançar seus encantos contra o mundo e o inferno, transformando-me em cavaleiro e cruzado; seriam agora necessários outros encantos. Contudo, como fora belo, inocente e bem-aventura-do aquele sonho que povoara minha juventude, que me transformara em escritor, músico e noviço, e me levara a Morbio!

Ouvi sons que me despertaram de minha meditação. Havia uma animosidade lúgubre em cada canto da imensidão da sala dos arquivos. Fui atingido por um novo pensamento, uma nova dor, que atravessou meu coração como um raio. Desejava, na minha inocência, escrever a história da Confraria, eu, que não era capaz de decifrar ou compreender a milésima parte daqueles mimares de escritos, livros, gravuras e referências contidos nos arquivos! Com um sentimento de humilhação, julgando-me tolo, ridículo, incapaz de compreender a mim mesmo, extremamente insignificante, vi-me ali no meio de todas aquelas coisas as quais tivera permissão para consultar, para que pudesse compreender com exatidão o que éramos eu e a Confraria.

Surgiram magistrados em todas as portas. Alguns pude ainda reconhecer através das lágrimas. Vi Jup, o mágico, Lindhorst, o arquivista, e Mozart vestido como Pablo. A eminente Assembléia ocupou as diversas fileiras de assentos, que se tornavam mais altas e estreitas ao fundo; sobre o trono, que formava o cume, havia um brilhante dossel dourado.

O Presidente da Assembléia deu um passo à frente e anunciou:

— A Confraria está pronta para dar início ao julgamento, através de seus membros, sobre o auto-acusado H., que se sentiu impelido a guardar silêncio a respeito dos segredos da Confraria, e agora percebe como foi estranha e blasfema sua intenção de escrever a história de uma viagem que ele não acompanhou até o final e o relato de uma Confraria em cuja existência não mais acreditava e à qual tornou-se infiel.

Voltou-se em minha direção e disse com sua voz clara e empestada:

— Auto-acusado H., reconhece a Corte de Justiça e concorda em submeter-se aos seus desígnios?

— Sim — respondi.

— Auto-acusado H. — prosseguiu ele — concorda em que esta Corte de Justiça o julgue sem a presença do Presidente, ou deseja que ele próprio dê seu veredicto?

— Concordo — disse eu — em ser julgados pêlos seus membros, com ou sem a presença do Presidente.

O Presidente da Assembléia preparava-se para retrucar quando, do fundo da sala, ouviu-se uma voz suave dizer:

— O próprio Presidente está pronto para dar o veredicto.

O som daquela voz macia provocou-me um estremecimento. Das profundezas do recinto, do remoto horizonte dos arquivos, surgiu um homem. Tinha o andar leve e fácil, suas vestes cintilavam com reflexos dourados. Aproximou-se por entre o silêncio da Assembléia, e então reconheci o seu andar, seus movimentos, e finalmente sua face. Era Leo. Subiu as filas de assentos, com suas magníficas e vistosas roupas, e, como um Papa, chegou ao Alto Trono. Subia as escadas, com as vestes reluzindo como uma flor rara e esplendorosa. Todos se ergueram à sua passagem. Conduzia-se com a mesma humildade e zelo com que o fazem o santo Papa ou o patriarca.

Achava-me ansioso e comovido, à espera do julgamento que estava humildemente pronto a aceitar, fosse para punir-me ou favorecer-me. Perturbava-me também o fato de tratar-se de Leo, nosso antigo serviçal, o homem que ocupava o cargo máximo de toda a Confraria, prestes a julgar-me. Porém, a grande descoberta daquele dia deixava-me ainda mais atônito, surpreso e feliz: a Confraria estava mais poderosa e sólida do que nunca, e não fora esta nem Leo que me haviam abandonado e desiludido, e sim eu mesmo, que fora tão fraco e tolo a ponto de desvirtuar o sentido de minhas próprias experiências, de duvidar da Confraria, de considerar a Viagem ao Oriente um fracasso, e considerar-me o sobrevivente e narrador de uma história concluída e esquecida, quando não passava de um fugitivo, um traidor, um desertor. Estes pensamentos causavam-me júbilo e estupefação. Lá estava eu, de pé diante do Alto Trono, pelo qual fora outrora aceito como membro da Confraria, que dirigira a cerimônia de meu noviciado, do qual recebera o anel, sendo imediatamente enviado ao serviçal Leo para os preparativos da jornada. E em meio a tudo isto, descobria um novo pecado, lima falta inexplicável, uma nova vergonha: não mais possuía o anel da Confraria. Perdera-o, não sabia onde ou quando, e não dera pela sua falta até aquele dia!

Nesse ínterim, o Presidente Leo, envolto em suas vestes douradas, começou a falar com sua bela e delicada voz; suas palavras evocavam bondade e conforto, eram cálidas como o sol.

— O auto-acusado — disse do Alto Trono — teve oportunidade de redimir-se de alguns erros. Há muito que ser dito contra ele. Podemos julgar compreensível e até desculpável que tenha sido infiel à Confraria, que a reprovasse através de suas próprias falhas e fantasias, que duvidasse da continuidade de sua existência, que tivesse a estranha

ambição de tornar-se seu historiador. Nenhuma dessas acusações pesa gravemente sobre ele. São, se o auto-acusado não se opõe ao termo, tolices de noviciado. Podem ser perdoadas com um sorriso.

Respirei profundamente, e todos os membros da ilustre Assembléia deixaram transparecer um leve sorriso nos lábios. Era para mim um enorme alívio ver que o mais grave de meus pecados, e mesmo minha ilusão de que a Confraria não mais existisse, e que era eu o único discípulo remanescente, eram considerados pelo Presidente como "tolices", coisas sem importância, e ao mesmo tempo que isto me levava de volta ao ponto de partida.

— Contudo — prosseguiu Leo, sua voz agora triste e grave — existem outras ofensas mais sérias atribuídas ao réu, e a mais grave é que ele não se coloca como auto-acusado por esses pecados, mas demonstra desconhecê-los. Lamenta profundamente haver traído a Confraria em pensamento; não pode perdoar-se por não haver reconhecido no serviçal Leo o Presidente Leo, e começa a compreender a extensão de sua infidelidade à Confraria. Mas, ao passo que atribui enorme gravidade a esses pensamentos faltosos, e acaba de perceber que podem .ser perdoados com um sorriso, esquece-se obstinadamente de suas verdadeiras ofensas, que são inumeráveis, cada uma delas grave o bastante para merecer um castigo severo.

Meu coração disparou. Leo voltou-se para mim.

— Réu H., mais tarde compreenderá a extensão de suas faltas e saberá também como evitá-las no futuro. No entanto, apenas para mostrar-lhe como ainda desconhece sua situação, pergunto-lhe: Recorda-se de sua caminhada pelas ruas da cidade em companhia do serviçal Leo, que, no papel de mensageiro, deveria trazê-lo perante o Alto Trono? Sim, você se lembra. Lembra-se também de havermos passado pela Municipalidade, pela Igreja de São Paulo e pela Catedral, quando o serviçal Leo entrou para ajoelhar-se e orar, e você não só recusou-se a entrar em sua companhia para cumprir suas devoções, de acordo com o quarto preceito do seu juramento à Confraria, como permaneceu do lado de fora, impaciente e aborrecido, esperando pelo fim da tediosa cerimônia que lhe parecia tão desnecessária, que para você não passava de um teste desagradável à sua impaciência egoísta? Sim, você se lembra. Pelo simples comportamento que demonstrou à porta da Catedral, já teria ferido os requisitos fundamentais e os costumes da Confraria. Negligenciou a religião, mostrou-se insolente com um irmão da Confraria, rejeitou com impaciência uma oportunidade e um convite para rezar e meditar. Seriam pecados imperdoáveis, não houvesse circunstâncias atenuantes especiais em seu caso.

Agora ele chegara ao ponto crítico. Tudo seria dito; não havia mais assuntos secundários, nem tolices. Ele tinha razão. Atingira o ponto crucial da questão.

— Não é nossa intenção enumerar todas as faltas do réu — prosseguiu o Presidente. — Ele não será julgado de acordo com nossos preceitos, e sabemos que seria necessária apenas a nossa advertência para despertar sua consciência e fazê-lo arrepender-se. Do mesmo modo, auto-acusado H., é preciso preveni-lo para que faça um exame de consciência a respeito de outros atos que praticou. Será preciso lembrá-lo da noite em que visitou o serviçal Leo e expressou o desejo de ser por ele reconhecido como um membro da Confraria, embora isso fosse impossível, pois você se tornara irreconhecível como nosso irmão? Devo lembrá-lo da conversa que manteve com o serviçal Leo sobre a venda de seu violino? A vida estúpida, chocante, medíocre e suicida que levou durante tantos anos?

— Existe ainda um ponto, irmão H., sobre o qual não posso calar-me. É bem possível que o empregado Leo lhe tenha feito uma injustiça naquela noite. Vamos supor que sim. O serviçal Leo talvez tenha sido muito severo, muito racional; talvez não tenha demonstrado muita indulgência ou compreensão pela sua situação. Mas existem autoridades mais poderosas e juizes mais infalíveis do que o serviçal Leo. Como reagiu o animal? Lembra-se do cão Necker, de como o repeliu e condenou? Ele é incorruptível, não toma partido, não é um membro da Confraria.

Fez uma pausa. Sim, o cão policial Necker! Ele sem dúvida me repelira e condenara. Eu concordava. O cão policial e eu mesmo já havíamos feito o meu julgamento.

— Auto-acusado H. — recomeçou Leo, sua voz agora fria e cristalina por sob o brilho dourado do manto e do dossel, como a voz do comandante ao surgir à porta de Don Giovanni no último ato. — Auto-acusado H., você me ouviu e deu-me razão. Presumimos que terá dado seu próprio veredicto?

— Sim — respondi com a voz embargada, — ... sim.

— E presumimos que lhe seja um veredicto desfavorável?

— Sim — murmurei. Leo ergueu-se do trono e estendeu suavemente os braços.

— É a vocês, meus magistrados, que dirijo-me agora. Todos sabem o que ocorreu com nosso irmão da Confraria, H. O problema não lhes é desconhecido; muitos de vocês passaram pela mesma situação. O réu não estava ciente, ou não podia acreditar, que sua apostasia e infrações tratavam-se de um teste. Resistiu durante muitos anos, sem

nada saber a respeito da Confraria, vivendo só, vendo tudo aquilo em que acreditava transformar-se em ruínas. Até que não mais pôde ocultar seus sentimentos. Sua agonia tornou-se forte demais, e sabemos que, quando sofremos intensamente, a ação se faz sentir. O irmão H. deixou-se levar pelo desespero em seu teste, e o desespero é o resultado de cada tentativa ansiosa que fazemos para compreender e justificar a vida. É o resultado das tentativas que fazemos de conduzir nossos atos com virtude, justiça e compreensão, e cumprir suas exigências. As crianças vivem em uma das margens do desespero; os lúcidos, em outra, O réu H. não é mais uma criança, e contudo não se encontra totalmente desperto. Vemo-lo ainda presa do desespero. Ele o vencerá e passará desse modo ao seu segundo noviciado. Será novamente recebido pêlos membros da Confraria, cujos segredos não mais deseja conhecer. Nós lhe devolveremos o anel perdido, que o serviçal Leo guardou para ele.

O Presidente da Assembléia trouxe o anel, beijou-me no rosto e colocou-o em meu dedo. Ao fitar a jóia, sentindo sua frieza metálica sobre o dedo, vieram-me à lembrança inúmeros atos de inconcebível negligência. Ocorreu-me principalmente que o anel era composto de quatro pedras separadas pela mesma distância, e que um preceito da Confraria mandava que se girasse o anel lentamente no dedo pelo menos uma vez durante o dia, e que cada uma das quatro pedras devia recordar-nos um dos quatro preceitos fundamentais do juramento. Eu não só perdera o anel e jamais dera pela sua falta, como também, no decorrer de todos aqueles anos terríveis, não voltara a repetir sequer um dos quatro preceitos fundamentais, ou mesmo os evocara. Tentei recitá-los para mini mesmo naquele momento. Tinha consciência de seu conteúdo, estavam ainda dentro de mim, pertenciam-me como um nome que seria lembrado em determinado momento, mas que naquele instante particular não conseguia recordar. Tampouco conseguia repetir as regras, elas ainda estavam mudas em minha mente, esquecera a fórmula. Desprezara os preceitos. Durante tantos anos não os observara e os reputara invioláveis — e ainda me considerara um membro leal da Confraria.

O Presidente da Assembléia tocou de leve em meu braço ao perceber minha surpresa e profunda vergonha. O Presidente tornou a falar:

— O réu e auto-acusado H. está absolvido, mas devo dizer-lhe que é dever de todo irmão absolvido em situação semelhante incorporar-se às fileiras de magistrados e ocupar um de seus lugares assim que passar por um teste de fé e obediência. Tem o direito de escolher esta prova. Agora, irmão H., responda às minhas perguntas:

— Está preparado para domar um cão feroz como prova de sua fé? Recuei, tomado pelo pavor.

— Não, eu não poderia fazê-lo, gritei, dando um passo atrás.

— Está preparado e deseja queimar os arquivos da Confraria nesse instante, a uma ordem nossa, como o Presidente da Assembléia queima agora uma parte deles perante suas vistas?

Este último deu um passo à frente, mergulhou as mãos nas bem arrumadas gavetas do arquivo, tirou-as cheias de papéis, centenas deles, que, para meu horror, queimou sobre um tacho de carvão.

— Não — disse eu assustado — também não poderia fazê-lo.

— *Cave, frater* — clamou o Presidente — tenha cuidado, irmão impetuoso! Comecei com as tarefas mais simples, que requerem a mais ínfima parcela de fé. As tarefas seguintes serão cada vez mais difíceis. Responda-me: está preparado e deseja consultar nossos arquivos a respeito de você mesmo?

Senti um calafrio e a respiração acelerar-se, mas compreendi. As propostas tornavam-se mais severas; não havia saída, a não ser para o pior. Respirei profundamente, levantei-me e disse que sim.

O Presidente da Assembléia conduziu-me até às mesas onde se encontravam as centenas de arquivos. Procurei e encontrei a letra H. Lá estava meu nome. Em primeiro plano, o do meu ancestral Eoban, que, quatrocentos anos atrás, também fora membro da Confraria.

Li a seguir o meu próprio nome, com os dizeres:

Chattorum r. gest. XC.
civ. Calv. infid. 49.

O papel tremia em minhas mãos. Enquanto isso, os magistrados ergueram-se um a um, estenderam-me a mão, fitaram-me diretamente nos olhos e se afastaram. O Alto Trono estava vazio, e, finalmente, o Presidente desceu, estendeu-me a mão, fitou-me nos olhos e sorriu com benevolência, deixando a sala. Ali permaneci inteiramente só, com a anotação nas mãos, para mais tarde buscar informações nos arquivos.

Não estava preparado para consultar, naquele momento, os dados a meu respeito. Fiquei de pé, no meio da sala vazia, vendo estender-se à minha volta caixas, armários, gavetas e arquivos, o conjunto de todos os conhecimentos valiosos aos quais tinha acesso. Contudo, mais por medo de ler o meu próprio registro do que pelo ardente desejo de saber, lancei-me a leitura de algo mais sobre assuntos que me eram importantes, e da minha narrativa sobre a Viagem ao Oriente. Para ser sincero, já sabia há

muito tempo que esta fora condenada, e que jamais deveria concluí-la. Não obstante, estava curioso.

Em um dos arquivos vi um memorando que se deslocara entre os demais. Caminhei em sua direção e retirei-o; nele lia-se o seguinte:

Morbio Inferiore.

Nenhum outro título teria expressado mais precisamente minha curiosidade. Com o coração disparado, procurei nos arquivos. Tratava-se de uma divisão que continha uma quantidade considerável de papéis. Havia uma cópia da descrição do Desfiladeiro de Morbio tirada de um velho livro italiano, e em seguida uma folha em forma de livro com anotações breves sobre o papel representado por Morbio na história da Confraria. Todas referiam-se à Viagem ao Oriente e também à base e ao grupo ao qual eu pertencera. Li que nosso grupo chegara a Morbio durante aquela jornada. Lá, fora submetido a um teste que não conseguiu ultrapassar, ou seja, o desaparecimento de Leo. Apesar de que as normas da Confraria devessem ter-nos orientado, e que, mesmo no caso de um grupo ver-se privado de guias, os preceitos inculcados em nós no início da jornada fossem suficientes para orientar-nos, desde o momento em que tomamos conhecimento do desaparecimento de Leo, perdemos o controle e a fé, passando a duvidar e manter discussões inúteis. Ao final, todo o grupo, contrariando o espírito da Confraria, dividiu-se em facções e desmembrou-se. Esta explicação para o fracasso em Morbio não mais me surpreendia. Surpreendeu-me, sim, o que li a seguir sobre o desmembramento de nosso grupo, ou seja, que tive membros da Confraria fizeram uma tentativa de escrever o relato de nossa jornada, com a descrição dos acontecimentos em Morbio. Eu era um dos três, e havia uma cópia de meu manuscrito naquela divisão. Li o conteúdo dos demais acompanhado dos mais estranhos sentimentos. De maneira geral, os dois escritores descreveram os fatos daquele dia de maneira semelhante à minha, e no entanto como me pareciam diferentes! Um deles dizia:

> "A ausência do serviçal Leo revelou-nos de maneira repentina e terrível a extensão das discordâncias e dificuldades que atingiram nossa união até então aparentemente total. Alguns de nós, de fato, imediatamente suspeitaram, ou souberam, que Leo nada sofrera, e que não se tratara de fuga, mas que fora secretamente convocado pêlos magistrados da Confraria. No entanto, nenhum de nós pode considerar sem profundo

arrependimento e vergonha a maneira reprovável com que nos submetemos a esse teste. Mal Leo nos deixara, vimos desaparecer a fé e a concórdia que reinava entre nós; foi como se o sangue vital de nosso grupo se esvaísse através de uma ferida invisível. A princípio surgiram divergências de opinião, depois discussões abertas sobre as mais ridículas e insignificantes questões. Lembro-me, por exemplo, de que o popular e digno regente do nosso coro, H. H., passou subitamente a afirmar que Leo levara também em sua sacola, além de outros valiosos objetos, o antigo documento sagrado, o manuscrito original do Mestre. Sua afirmativa foi motivo de acaloradas discussões, que se prolongaram por vários dias. Considerada do ponto de vista simbólico, a absurda afirmação de H. era realmente muito importante; na verdade, parecia que a prosperidade da Confraria, a união de suas fileiras, desaparecera por completo com a ausência de Leo. O próprio músico H. foi um triste exemplo do que digo. Até aquele dia em Morbio Inferior, era um dos mais leais e fiéis irmãos da Confraria, bastante popular como artista, e, apesar de algumas fraquezas de caráter, constituía-se em um dos membros mais ativos. Mas deixou-se tomar pela melancolia, depressão e desconfiança, tornou-se profundamente negligente no cumprimento de seus deveres, e passou a agir de maneira intolerante, nervoso e irritadiço. Quando, certo dia, finalmente deixou-se ficar para trás em nossa marcha, e não voltou a aparecer, ninguém cogitou em parar para procurá-lo; tratava-se, evidentemente, de um caso de deserção. Infelizmente, ele não foi o único, até que, um dia, nada mais restava de nossa reduzida caravana..."

Li o seguinte trecho da narrativa de outro historiador:

"Assim como a antiga Roma sucumbiu após a morte de César, e o pensamento democrático através do mundo após Wilson abandonar as idéias que defendia, assim nossa Confraria desfez-se naquele malfadado dia em Morbio. No que se refere a culpas e responsabilidade, poderíamos citar dois participantes aparentemente inofensivos, o músico H. H. e Leo, um dos empregados. Estes dois homens eram membros outrora populares e fiéis da Confraria, embora não compreendessem perfeitamente a importância histórica da mesma. Desapareceram, certo dia, sem deixar qualquer vestígio, levando consigo valiosos objetos e documentos importantes, o que indica que os dois pobres diabos foram subornados por inimigos da Confraria ..."

Se a memória desse historiador era tão confusa e imprecisa, embora tivesse feito seu relatório com aparente boa-fé, na certeza de sua completa veracidade — o que valiam minhas próprias anotações? Se houvesse dez narrativas de outros autores sobre Morbio, Leo e eu provavelmente seriam contraditórias e de mútua reprovação. Não, nossos esforços históricos de nada valiam; não adiantava dar-lhes continuidade, nem prosseguir em sua leitura; era melhor deixar que se cobrissem com a poeira dos arquivos.

Estremeci ao pensamento de que tantas outras revelações me esperavam naquela hora. Como eram distorcidas as imagens refletidas por esses espelhos, como a verdade se ocultava, zombeteira e inatingível, por trás daqueles relatórios, contra-relatórios e lendas! Como saber o que era ainda verdade? E o que restaria, quando me fossem revelados os dados a meu respeito, sobre meu caráter, e minha narrativa, contidos nos arquivos?

É preciso estar preparado. De repente, não mais pude suportar a incerteza e a expectativa. Dirigi-me apressadamente à divisão *Chattorum res gestae*, procurei minha subdivisão e número, e lá estava diante de meu próprio nome. Tratava-se de um nicho, e ao afastar as leves cortinas nada vi escrito. Continha apenas uma imagem, um velho e gasto modelo em madeira ou cera, de um colorido pálido. Pareceu-me uma espécie de divindade ou ídolo barbárico. A princípio, não compreendi. A imagem, na realidade, consistia em duas pessoas, unidas pelas mesmas costas. Fitei-a durante alguns instantes, desapontado e surpreso. Foi então que vislumbrei uma vela presa em um candelabro, fixado na parede do nicho. Havia também uma caixa de fósforos. Acendi a vela, iluminando a imagem dupla.

A compreensão atingiu-me lentamente. Pouco a pouco comecei a suspeitar e finalmente a compreender o que aquilo representava. Era minha imagem, e aquela semelhança pareceu-me desagradavelmente imprecisa e um tanto irreal; as feições apresentavam-se distorcidas, e a expressão tinha qualquer coisa de instável, fraco, moribundo ou desejoso de morrer, mais parecendo uma peça de escultura a que poderíamos denominar *Transitoriedade, Decadência*, ou algo assim. Por outro lado, a figura que se achava unida à minha, formando um todo, tinha formas e cores vibrantes, e assim que percebi com quem se parecia, ou seja, o serviçal e Presidente Leo, descobri uma outra vela na parede, que também acendi. Vi então que a dupla figura, representando a mim e a Leo, tornava-se mais clara, as feições mais semelhantes, como também que a superfície das mesmas era transparente, e podia-se ver dentro delas, do mesmo modo como se vê através do vidro de um vaso ou garrafa. No seu interior havia algo que se movia lentamente, como uma

serpente adormecida a deslocar-se. Ocorria alguma coisa ali dentro, como um lento e suave fluxo, ou uma fusão; e, de fato, alguma coisa em minha imagem fundiu-se ou derramou-se na dele. Vi que minha imagem começava a incorporar-se à de Leo, nutrindo-a e fortalecendo-a. Pareceu-me que, em determinado momento, toda a substância de uma fluiria para dentro da outra, e restaria apenas uma: Leo. Ele devia crescer; eu, desaparecer.

Ao tentar compreender o que via, lembrei-me de um breve diálogo que travara certa vez com Leo, durante os alegres dias em Bremgarten. Dizíamos então que a criação poética é mais viva e real do que os próprios poetas.

As velas arderam lentamente, até que se consumiram. Sentia-me tomado por um cansaço e um sono profundos, e retirei-me em busca de um lugar onde pudesse repousar meu corpo e adormecer.